

INSTITUTO HAHNEMANNIANO DO BRASIL
DEPARTAMENTO DE ENSINO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HOMEOPATIA
ÁREA - MEDICINA

Rio – Alma doente

por

Lydia Pereira Montenegro

Outubro/2004

INSTITUTO HAHNEMANNIANO DO BRASIL
DEPARTAMENTO DE ENSINO.
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HOMEOPATIA
ÁREA - MEDICINA

Rio – Alma doente

por

Lydia Pereira Montenegro

Orientador Prof. Jorge Luiz Antolini

Monografia apresentada em
cumprimento à exigência final do curso de
Especialização em Homeopatia do
Instituto Hahnemanniano do Brasil, área
Medicina.

Outubro/2004

DEDICATÓRIA

Aos habitantes desta cidade, que em seu cotidiano vivem a dor e a
delícia de aqui estar e ser...

A meus filhos, Natalia e Otavio, que gostam muito desta cidade, e
conseguem ver o belo por detrás das sombras...

A meu afilhado Matheus, crítico mordaz desta cidade, do mundo em
geral, bem como de seus habitantes...

A minha mãe, que desistiu de viver nesta cidade, e foi morar num
lugar mais tranqüilo...

A meu pai, que fotografou esta cidade, num tempo em que a vida
era mais tranqüila e a esperança era maior...



AGRADECIMENTOS

A Claudio Xerez, que ao meu lado, me incentivou e ajudou durante todo o tempo.

A Maria Isabel Marques Teixeira, que me levou a estudar Homeopatia e abriu um novo mundo para mim.

Aos professores do curso de Homeopatia do Instituto Hahnemanniano do Brasil, que na teoria e na prática tanta sabedoria transmitiram.

A Regina Rodrigues, pela amizade, carinho e ajuda desprendida ao longo desta jornada.

A Marcia Varricchio, minha primeira mestra homeopata e querida amiga, pelas deliciosas discussões em torno deste tema e de tantos outros, no nosso tempo-espço.

Ao Marcelo , por muitos novos saberes e a Selma pelos incentivos durante o caminho que percorremos juntos.

RESUMO

Neste trabalho é feita uma revisão da história social da cidade do Rio de Janeiro, visando o estudo e repertorização de seus sintomas mentais mais importantes, na tentativa de auxiliar no tratamento dos transtornos psíquicos mais freqüentes na população que procura atendimento, principalmente nos ambulatórios de Clínica Médica do Município do Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This paper is a review of the Rio de Janeiro's social history, to study and repertorissing the main mental symptoms, trying to help the treatment of the most frequent psychic disorders in the population which attend to the public health services.

SUMÁRIO

Dedicatória	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract	v
Sumário	vi
Lista de Tabelas	vii
Lista de Figuras	viii
Introdução	1
Um pouco de geografia e história (o ovo da serpente)	3
Dados Sociais do Rio de Janeiro	10
Os sintomas mentais do Rio de Janeiro (em busca da totalidade sintomática)	15
Abandono	16
Brutalidade e crueldade	17
Corrupção	18
Desajuda, insensibilidade e isolamento	20
Lascívia e libertinismo (o comércio do sexo)	21
Medo, desespero e insanidade	23
Sujeira (A saúde no Rio de Janeiro)	28
Violência	29
Algumas palavras de Hahnemann	32
Estudo Repertorial	34
Estudo dos medicamentos	37
Arsenicum álbum (a cobiça)	38
Platinum (a soberba)	40
Stramonium (o lixo)	42
Sulphur (o mendigo intelectual)	44

Outros medicamentos	47
Uma dinâmica miasmática para o Rio	48
Necessidades da alma	50
Conclusões	52
Referências bibliográficas	22

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	11
Crescimento das populações favelada e não favelada. Cidade do Rio de Janeiro: Número de Pessoas (em milhares)	
Tabela 2.....	13
Principais causas de morte, por faixas etárias, ano de 2000.	
Tabela 3.....	14
Prevalência de Transtornos Psiquiátricos na Atenção Primária à Saúde(%)	
Tabela 4.....	26
Taxas de mortalidade por transmissíveis na cidade do Rio de Janeiro	
Tabela 6.....	27
Mortalidade por Tuberculose no Rio de Janeiro (DF) comparada a outras cidades (Diretoria geral de estatística - Anuário Estatístico Demógrafo-Sanitário 1908 p.129)	
Tabela 7.....	35
1º estudo repertorial, sem sintoma diretor - ordenado por cobertura.	
Tabela 8.....	35
2º estudo repertorial, DESONESTO como sintoma diretor - ordenado por cobertura.	
Tabela 9.....	36
3º estudo repertorial, SUJO como sintoma diretor - ordenado por cobertura	
Tabela 10.....	36
4º estudo repertorial, SUJO e DESONESTO como sintomas diretores - ordenado por cobertura.	

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	2
O Rio de Janeiro visto por Thomas Ender, no início do século XIX Nossa História, ano 1, nº 6, abril de 2004	
Figura 2.....	5
Antiga avenida Central, atual Rio Branco http://www.bricabrac.com.br/fset_rioantigo.htm?cultura_rioantigo_16.htm~Main	
Figura 3.....	6
Cortiço na rua dos Inválidos, centro do Rio de Janeiro. Fotografia de Augusto Malta. www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/rioantigo/fotoa083.htm	
Figura 4.....	7
Favela carioca (Morro do Pinto). Fotografia de Augusto Malta. www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/rioantigo	
Figura 5.....	8
Descrença do povo na Saúde Pública (O Degas). Reprodução da capa de O Degas, edição de 1908 por K.Listo A Revista no Brasil.São Paulo: Editora Abril, 2000)	
Figura 6.....	8
A população contra a vacinação de Oswaldo Cruz. Caricatura da Revista da Semana, de 2/10/1904 História Viva, ano 1, nº 11 - 2004. São Paulo. Duetto Editorial Reportagem do Correio da Manhã de 7/10/1904 www.projetomemoria.art.br/oswaldocruz/	
Figura 7.....	11
Sede da Prefeitura do Rio, rodeada por favelas. O Globo 15/08/2004 - Caderno O País, pg.14 Foto de Custódio Coimbra	
Figura 8.....	16
A Roda dos expostos Nossa Historia, ano 1, nº 9, 2004	
Figura 9.....	17
Guerra do tráfico na Rocinha. O Globo 25/05/2004 Foto de Domingos Peixoto em 12/04/2004	
Figura 10.....	17
Corpo de Célio, 14 anos. O Globo 25/05/2004 Foto de Marizilda Cruppe	

Figura 11.....	19
A corrupção alimenta a vaidade.	
A Revista no Brasil, Editora Abril, 2000	
Figura 12.....	20
São Conrado, visto da Rocinha.	
http://www.almacarioca.com.br/	
Figura 13.....	21
Cabeçalho de site de turismo sexual no Rio de Janeiro, hospedado no exterior	
www.rioexposed.com	
Figura 14.....	22
Campanha governamental.	
http://brasil.indymedia.org/	
Figura 15.....	23
Pesquisa sobre medo.CPDOC-FGV.	
http://www.cpdoc.fgv.br/fgvopiniao/htm/IndiceMedo.htm	
Figura 16.....	27
Taxa de incidência de Tuberculose no Brasil, 2000	
Plano Estratégico para a Tuberculose 2003-2005	
Governo do Rio de Janeiro	
Figura 17.....	28
Óbitos por AIDS e coeficiente de mortalidade por 100.000 habitantes	
Município do Rio de Janeiro (1984-2000)	
Figura 18.....	30
As guerras no Iraque e na Rocinha	
O Globo, fotos de AFP, Domingos peixoto, Jorge William, Luís Alvarenga, Reuters e Ricardo Leoni)	
Figura 19.....	31
Condenações por faixa etária - Rio de Janeiro – 2003	
O Globo 8/08/2004	
Diretoria Geral de Tecnologia da Informação do Tribunal de Justiça	
Figura 20.....	31
Vítimas fatais de ações policiais ("autos de resistência")	
estado do Rio de Janeiro (1997-2003)	
fonte NECVU-UFRJ - Asplan Policia Civil	
Figura 21.....	37
Cristo Redentor	
www.almacarioca.com.br	
Figura 22.....	38
Arsenicum álbum	
http://realmagick.com/articles/82/1882.html	

Figura 23.....	40
Platinum	
http://resourcescommittee.house.gov/subcommittees/emr/usgsweb/photogallery/	
Figura 24.....	42
Datura stramonium	
http://phoenix.4u.org/aylasplants/plants/datura.html	
Figura 25.....	44
Sulphur	
http://resourcescommittee.house.gov/subcommittees/emr/usgsweb/photogallery/	
Figura 26.....	45
Charge de Laerte.	
http://3tesas.weblog.com.pt/arquivo/045310.html	
Figura 27.....	49
Fu - Ponto de transição I Ching O livro das mutações	
Figura 28.....	50
Jardim Botânico	
www.almacarioca.com.br	
Figura 29.....	51
Contrastes do Rio	
www.almacarioca.com.br	

Introdução

*“...quando eu nasci veio um anjo safado, o chato dum querubim,
e decretou que eu tava predestinado a ser errado assim...”*

Chico Buarque, em *Até o Fim*

Vivemos tempos em que se dá muito pouca importância à vida. O desrespeito aos seres vivos, humanos ou não, é enorme. Vivemos a banalização da violência, da morte, da doença e do sofrimento.

Vemos o sofrimento, por vezes tão importante para o nosso desenvolvimento e amadurecimento e para o fortalecimento da nossa alma, sendo suprimido quimicamente, sem maiores distinções. Talvez ação natural de uma sociedade cada vez mais narcisista que busca erradicar o desconforto a qualquer custo. Será que sabemos o que é digno de ser tratado?

Este trabalho surgiu da vontade de tratar um paciente em crise, de entender os mecanismos que o levaram a ficar tão doente, e da necessidade de torná-lo saudável. Esse paciente é maior e mais complexo que um indivíduo somente. É uma cidade inteira. Os seus sintomas - fragmentação, depressão, violência, crueldade, abandono, sujeira - também são sintomas de um outro paciente bem maior, que também vive em crise: o próprio mundo. E a doença da alma do mundo não pode ser isolada das almas individuais. Não se pode prevenir a disseminação da infecção psíquica epidêmica¹⁹. Não podemos inocular a alma individual, nem isolá-la da enfermidade da alma do mundo ou da alma de nossa cidade. Então, a cidade doente necessariamente tem habitantes doentes e isso vai se perpetuando e crescendo exponencialmente.

Este trabalho também foi inspirado por um estudo do gênio epidêmico medicamentoso de algumas fases da história da humanidade².

As experiências emocionais são importantes para a saúde da alma. É fundamental conhecermos as memórias emotivas de nossa cidade adoecida. Sabemos que estados emocionalmente perturbados são criados por questões relativas a conforto pessoal, sobrevivência e expressão. Os sentimentos negativos criam perturbações interiores e desarmonia no meio ambiente, concorrendo para a deterioração da comunidade. Temos aí os estados emocionais mal dirigidos, tanto no nível individual quanto no social³⁸.

As pressões do dia-a-dia e do meio ambiente vão enfraquecendo nossos mecanismos de defesa do plano emocional, gerando ansiedade, medo e depressão. Bem estar não é apenas um problema socioeconômico, é principalmente uma questão psicológica. A alma que não for cuidada, tanto no nível pessoal quanto na vida da comunidade, torna-se raivosa e se volta contra si mesma, seja o indivíduo ou a cidade¹⁹. E estes vão se tornando cada vez mais doentes.

Vamos buscar então, em nossa história, as raízes de nosso mal.

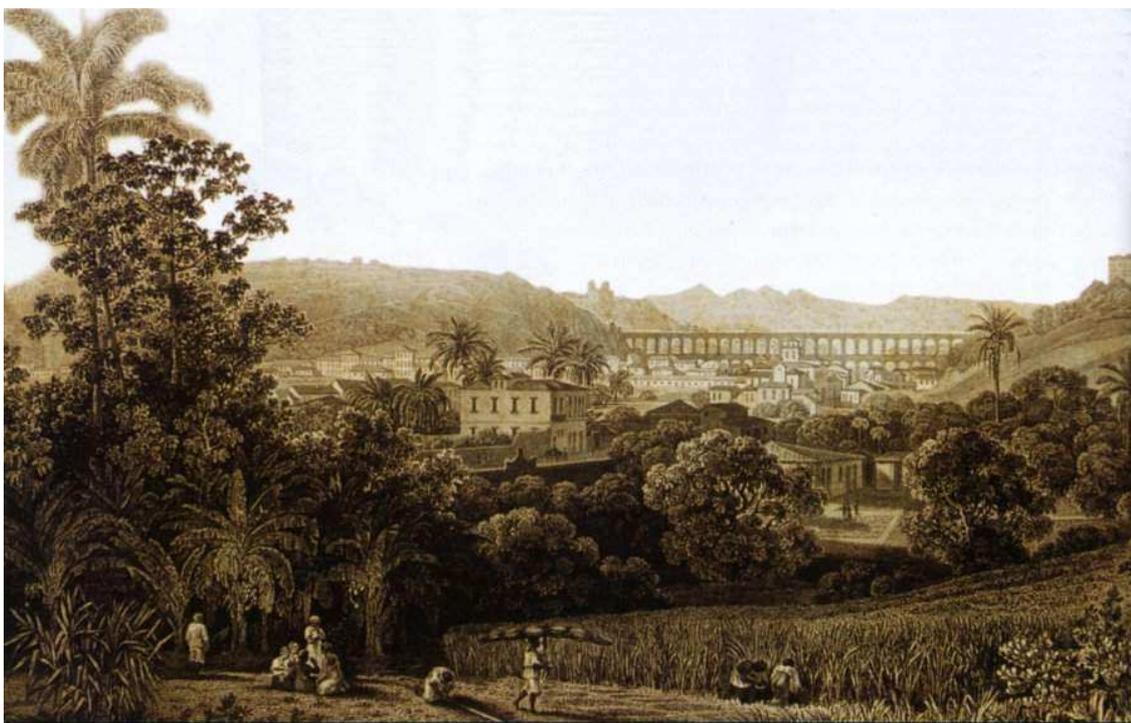


Figura 1: O Rio de Janeiro visto por Thomas Ender, no início do século XIX.

Um pouco de geografia e história

O ovo da serpente

"Tanto do ponto de vista da organização regional, como do ponto de vista da organização interna, a cidade é, enfim, uma autêntica e total representação da região a que preside e do mundo com o qual comercia".

Milton Santos, em *A cidade nos países subdesenvolvidos*.

Na maioria das metrópoles contemporâneas, a natureza foi completamente transformada, a ponto de se tornar impossível reconhecer qualquer característica original de antes da urbanização. Rios foram retificados ou canalizados, a cobertura vegetal plantada, exibindo espécies inexistentes na vegetação original, morros foram arrasados, lagoas, pântanos e praias aterrados, fazendo do espaço urbano uma segunda natureza – artificial – que está em constante metamorfose, expressando o incessante movimento de valorização e desvalorização das diferentes localizações. Isso normalmente é consequência do conflito entre os usos tradicionais do espaço e o crescimento urbano⁴.

No caso do Rio de Janeiro, cujas terras, tal qual Afrodite, nasceram do mar, ainda existem muitos vestígios de sua natureza original. Cidade belíssima, paisagem diversificada, só lhe faltou um imponente e caudaloso rio que justificasse seu nome. Cercada de montanhas, situada estrategicamente à beira da baía de Guanabara, com um ancoradouro bom e seguro, o Rio teve inicialmente a função de defesa.

A cidade foi fundada no século XVI, em 1565, com esse caráter de defesa do território, que havia sido descoberto em 1502, por uma expedição exploradora. Os franceses, já em 1555, decidiram fundar uma colônia aqui, a França Antártica, mas desde o início deu tudo errado. A escassez de víveres, o excesso de trabalho extenuante, os soldos baixíssimos, a rígida disciplina e a falta de mulheres fez com que se exacerbasse a violência e o péssimo humor dos soldados – a maior parte

deles sem senso moral nem instrução militar adequada – precipitando o trágico desfecho dessa aventura. Foram vencidos cinco anos depois por Mem de Sá, que depois foi embora, deixando a cidade abandonada⁴. Mem de Sá foi, efetivamente, a primeira autoridade a abandonar o Rio de Janeiro.

No século XVII, a cidade passou a ser pólo econômico e ponto estratégico, função ampliada pela descoberta de ouro e pedras preciosas em Minas Gerais. Esse poder foi reforçado pelo café e pelas ferrovias, no século XIX, declinando no século XX, quando surgiram as rodovias e ocorreu a expansão industrial de São Paulo⁴.

O Rio foi, durante algum tempo, o grande centro escravista brasileiro. Os escravos eram desembarcados no porto, pagavam imposto, como qualquer mercadoria, e eram encaminhados para venda nos mercados da Rua do Valongo (hoje Camerino), no centro da cidade. Até mulheres iam às compras: “...vão enfeitadas, sentam-se, manipulam e examinam suas compras, e levam-nas embora com a mais perfeita indiferença, como se estivessem comprando um cão ou uma mula” (Robert Walsh, 1828)¹⁴. E os escravos eram castigados por seus donos com requintes de crueldade – a chibata, por vezes até a morte, para as faltas mais graves e a palmatória, para as mais triviais. Parece que a escravidão tornou o trabalho desonroso, fazendo os homens brancos se sentirem fidalgos demais para trabalhar, e o Brasil ficar conhecido como o “berço da preguiça”.

Em 1808, a cidade era precária, malcheirosa, provinciana, descuidada e suja, muito suja. E foi nessa cidade que aportou a família real e os membros da corte, que logo notaram como era a cidade na verdade. D.João VI, instalado na Quinta da Boa Vista, logo determinou o início das obras de remodelamento, e a cidade foi, aos poucos, adquirindo “ares imperiais”. O Rio se modificou ainda mais com a chegada da Missão Artística Francesa, de caráter “civilizatório”. Com ela chegou Jean-Baptiste Debret, que retratou como ninguém o cotidiano de nossa cidade e de nosso país, registrando seus horrores e maravilhas⁴.

Apesar disso tudo, no início do século XX, após ter se tornado, com a Independência, a capital do novo país e continuando assim após a proclamação da república, o Rio continuava a ser uma cidade de ruas sujas e estreitas, vielas tortuosas e epidemias mortíferas. Embora mundialmente conhecida como uma cidade belíssima, aqui a realidade era outra.

Um cargueiro norte-americano teria trazido, por volta de 1890, a peste bubônica. A varíola havia chegado antes, com os navios dos imigrantes, nos idos de 1850¹¹.

Mesmo no alvorecer do século XX, o Rio de Janeiro ainda enfrentava graves problemas sociais decorrentes, principalmente, de seu crescimento rápido e desordenado. Com o declínio do trabalho escravo, a cidade passa a receber grandes contingentes de imigrantes europeus e de ex-escravos, atraídos pelas oportunidades que ali se abriam ao trabalho assalariado. Entre os anos de 1872 e 1890, sua população duplicou, passando de 274 mil para 522 mil habitantes¹¹. O aumento da população e o conseqüente aumento da pobreza agravaram a crise habitacional, traço constante da vida urbana no Rio desde meados do século XIX. O epicentro dessa crise era o centro do Rio – a Cidade Velha e suas adjacências – onde se multiplicavam as habitações coletivas e eclodiam as violentas epidemias de febre amarela, varíola e cólera, que emprestavam à cidade a fama internacional de porto sujo¹¹.

O Presidente Rodrigues Alves, com um empréstimo de oito milhões de libras tomado na Inglaterra, deflagrou a grande revolução urbana, cujo ponto focal era a construção da avenida Central (hoje Rio Branco).



Figura 2: Antiga avenida Central, atual Rio Branco.

Muita gente perdeu suas propriedades, inclusive Marc Ferrer, fotógrafo genial, que foi contratado para registrar a construção da grande avenida, cujo ateliê, na rua São José, foi derrubado. Os aluguéis dispararam e o povo foi expulso do centro. Mas enquanto as classes mais altas “bebericavam café nas mesinhas da calçada da nova avenida”, a insatisfação corroía as classes mais baixas¹¹. A política antiinflacionária adotada pelo governo deixou os pobres mais pobres e os ricos mais ricos. A avenida Central custou mais de 40.000 contos – e os trabalhadores pagaram a conta.

Essa foi uma das obras de maior vulto, juntamente com a modernização do porto, a abertura da avenida do Mangue e o saneamento.

A reforma promoveu uma intensa valorização do solo urbano da área central, atingindo a população de baixa renda que ali se concentrava. Cerca de 1.600 velhos prédios residenciais foram demolidos. Parte considerável da imensa massa atingida pela remodelação permaneceria no centro, pois apesar do rápido crescimento da zona norte e dos subúrbios, essas áreas não constituíam alternativa de moradia para os que sobreviviam de biscates ou recebiam diárias irrisórias. Serviam apenas aos que possuíam remuneração estável e suficiente para as despesas de transporte, aquisição de terreno, construção ou aluguel de uma casa.



Figura 3 – Cortiço na rua dos Inválidos, centro do Rio de Janeiro. Fotografia de Augusto Malta.

E foi nesse contexto que surgiu na paisagem do Rio, ao lado das tradicionais habitações coletivas que se disseminaram nas áreas junto ao centro (Saúde, Gamboa e Cidade Nova), uma nova modalidade de habitação popular: a favela.

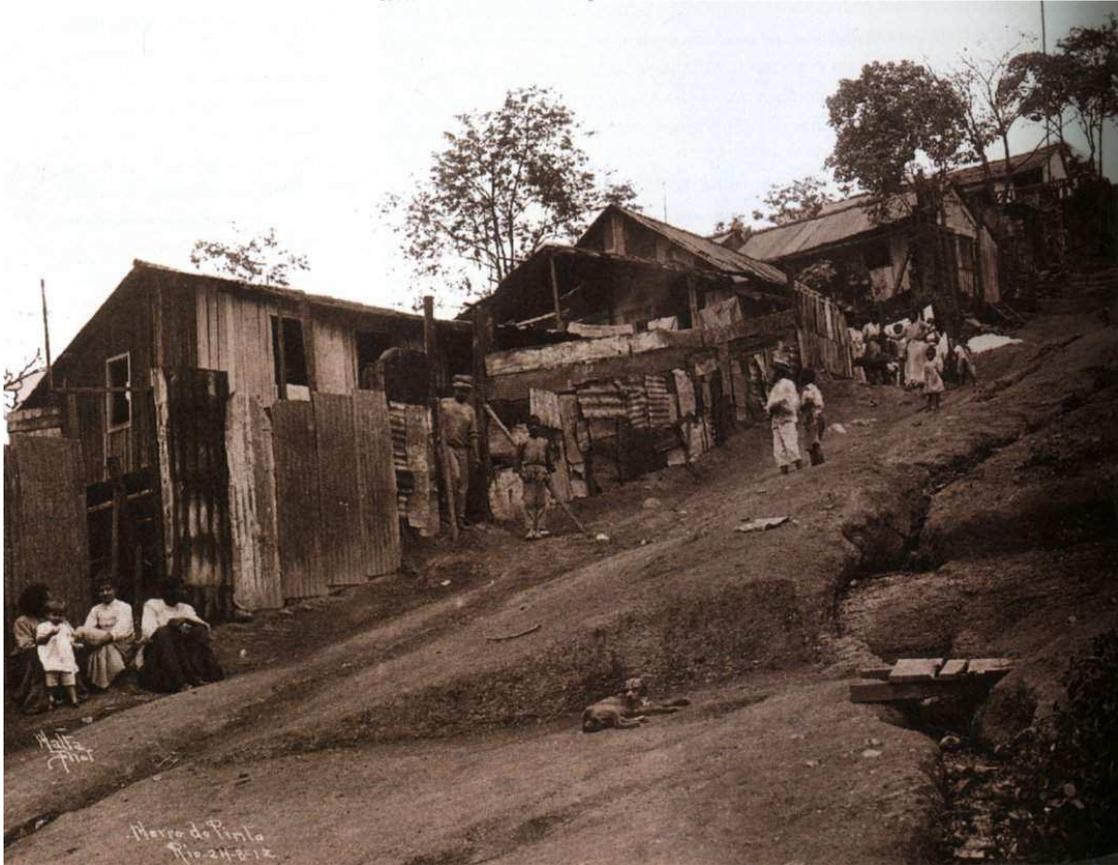


Figura 4: Favela carioca (Morro do Pinto). Fotografia de Augusto Malta.

Em 1905, uma comissão nomeada pelo governo federal para examinar o problema das habitações populares constatou que as demolições de prédios forçavam a população a "ter a vida errante dos vagabundos e, o que é pior, a ser tida como tal". O relatório da mesma comissão fazia referência ao Morro da Favela (atual Providência) – "pujante aldeia de casebres e choças, no coração mesmo da capital da República, a dois passos da Grande Avenida" – que emprestaria seu nome ao, até hoje, mais destacado ícone da segregação social no espaço urbano da cidade¹¹.

Ao mesmo tempo o Rio, "remodelado e saneado", era apresentado como a cidade mais linda do mundo – a "cidade maravilhosa".

O outro braço da política reurbanizadora do governo Rodrigues Alves foi o jovem cientista Oswaldo Cruz – o braço sanitarista. Este provocou uma revolta

popular em 1904, a revolta da vacina, ou melhor, contra ela. Desconhecida no Brasil, a vacina contra a varíola era encarada com desconfiança pelos brasileiros em geral e pelos cariocas em particular, ainda mais com uma lei que obrigava todos a se vacinarem¹¹.



Figura 5: Descrença do povo na Saúde Pública (O Degas)

Assim, a vacina se tornou um bom pretexto para a eclosão de um movimento político-social, que teve a participação dos militares. A carestia, a inflação, o achatamento salarial, o aumento abusivo dos aluguéis, o projeto excludente e elitista de remodelação do centro do Rio – tudo isso provocou um clamor de indignação entre as classes média e baixa. E isso não foi agora, foi em 1904⁴.

Rodrigues Alves acabou morrendo de gripe, a Espanhola, que matou tanta gente na Europa.

Foi substituído interinamente por Delfim Moreira, que acabou morrendo de sífilis terciária.

7 de outubro de 1904.

Correio da Manhã

"O governo arma-se desde agora para o golpe decisivo que pretende desferir contra os direitos e liberdades dos cidadãos deste país. A vacinação e revacinação vão ser lei dentro em breve, não obstante o clamor levantado de todos os pontos e que foi ecoar na Câmara dos Deputados através de diversas representações assinadas por milhares de pessoas.



De posse desta clava, que o incondicionalismo bajulador e mesureiro preparou, vai o governo do Sr. Rodrigues Alves saber se o povo brasileiro já se acanhou ao ponto de abrir as portas do lar à violência ou se conserva ainda as tradições de brio e de dignidade com que, da monarquia democrática passou a esta República de iniquidade e privilégios.

O atentado planejado alveja o que de mais sagrado contém o patrimônio de cada cidadão: pretende-se esmagar a liberdade individual sob a força bruta..."

Figura 6: A população contra a vacinação de Oswaldo Cruz.

E veio Getúlio Vargas, o Estado Novo e a Bossa Nova, que surgiu na zona sul da cidade, até que em 1960, o Rio deixou de ser a capital da república, com a inauguração da nova capital, Brasília.

A fusão com o Estado do Rio de Janeiro aumentou mais a decadência e os índices de desenvolvimento diminuíram ainda mais. Mesmo assim, continuou a ser um centro político-cultural de fundamental importância no país, com a música, as passeatas de protesto, mas também com a violência, a corrupção e o narcotráfico.

Existe também no Rio uma tradicional tolerância, ou convivência, de parte da sociedade em relação a certos crimes, e até mesmo a convivência pacífica com a contravenção. Vimos na mídia, há pouco tempo, no enterro de um bicheiro assassinado, um jogador de futebol lamentando: “é uma perda irreparável, pior é a brutalidade com que as coisas acontecem na cidade”. É parte dessa sociedade também que compra e usa o principal produto vendido pelo crime organizado, e que vai alimentando assim a violência, a brutalidade, a corrupção...

Dados Sociais do Rio de Janeiro

*“... cidade nenhuma pode ser maravilhosa pela própria natureza.
Cidade é um artefato humano”.*
Marcos Sá Correa

As condições de vida nas grandes cidades, principalmente as dos países subdesenvolvidos, vem se deteriorando. As grandes cidades, por serem concentradoras de população, são mais sensíveis à piora das condições econômicas. A redução do papel do Estado, com a privatização das empresas públicas e a globalização, fizeram com que os direitos sociais, econômicos e políticos, conquistados pelas lutas históricas dos trabalhadores, fossem perdidos.

O desenrolar dos acontecimentos se encarregou de contrariar a utopia da emancipação social e da modernização para todos. Encarregou-se também de reforçar a situação que vivemos no momento, como consequência esperada e natural da nossa história.

Na cidade existem pólos de tecnologia muito avançados, centros empresariais e financeiros completamente inseridos no contexto mundial ao lado de locais de temporalidades históricas muito diferentes, dando um caráter ainda mais fragmentário, comum aos tempos pós-modernos que vivemos. No final do século XX, as grandes cidades mostram favelas, poluição do ar e das águas, enchentes, desmoronamentos, crianças abandonadas, violência e epidemias. As camadas mais ricas podem usufruir um padrão de consumo semelhante aos do Primeiro Mundo, mas estão rodeadas pela violência e pelo crime organizado, que antes cresciam na “cidade oculta”, mas que foram ficando cada vez mais aparentes.

A pobreza urbana é maior do que a média da pobreza brasileira e está concentrada nas regiões metropolitanas. Dos pobres brasileiros, 33% estão nas metrópoles do sudeste.



Figura 7: Sede da Prefeitura do Rio, rodeada por favelas.

Quase 80% da população moradora de favela está situada em nove regiões metropolitanas, e o país não tem política institucional para essas regiões, como se os índices de violência, poluição e miséria que elas apresentam pudessem ser resolvidos com políticas regionais.

A busca de dados fidedignos sobre as condições de moradia e a situação fundiária do Rio de Janeiro é frustrante, pela falta de rigor nos levantamentos. O levantamento dos brasileiros que moram em favelas é bastante subdimensionado pelo IBGE, por razões óbvias. Diversos levantamentos mostram que mais de 20% da população do Rio mora em áreas invadidas.

Tabela 1: Crescimento das populações favelada e não favelada.
Cidade do Rio de Janeiro: Número de Pessoas (em milhares)

	1991	2000	2010 *	Varição	Taxa Anual
Não Favelas (NF)	4548	4696	4866	3,3%	0,4%
Favelas (F)	933	1095	1305	17,3%	1,9%
Relatividade % entre F e NF	21%	23%	27%		

Fonte: Elaborado pelo IETS, a partir de dados dos Censos Demográficos do IBGE.

Nota: Para favelas foi utilizado o conceito de aglomerados subnormais.

* Considerando a taxa de crescimento anual constante e igual à observada na década de 90.

Tendo sido entendida inicialmente apenas como ausência de doença e menor risco de morte prematura, a saúde passou a ser considerada, mais recentemente, como componente indissociável da qualidade de vida, expressão de elementos

positivos determinados pelas condições materiais de existência, e também associados a questões subjetivas, decorrentes das relações dos indivíduos entre si e com a sociedade. Sendo assim, a situação de saúde da população é um dos fatores mais importantes na análise do desenvolvimento de uma determinada região, um indicador que expõe o sucesso ou fracasso do Estado na promoção das necessidades mais básicas da população (alimentação, condições sanitárias, etc.) e também como um fator promotor de desenvolvimento. Todavia, os indicadores de saúde não expressam sua percepção concreta, por parte das pessoas e dos grupos sociais, como um componente de qualidade de vida.

Entre as décadas de 1940 – 1980, ocorreram grandes mudanças no perfil epidemiológico do Rio de Janeiro. Houve grande diminuição da mortalidade por doenças infecciosas e parasitárias – de 43% do total de óbitos na década de 1940 para 5,3% em 1998, mas no último meio século um dos grupos de causa de morte que mais cresceu foi o referente a causas externas, sendo a violência a causa que mais se destacou no período, atingindo uma população muito jovem, e predominantemente masculina.

No contexto da Sociedade pós-moderna, que se caracteriza por uma transição paradigmática de valores, onde predominam o narcisismo, individualismo, perda dos valores humanistas, consumismo, indiferença, barbárie, perda de vínculos e ausência de utopias, com conseqüente desesperança; observa-se uma transição epidemiológica com aumento da morbi-mortalidade por doenças crônico-degenerativas orgânicas e aumento de diversas patologias mentais, algumas delas relevantes em termos de saúde pública, como a depressão, a síndrome do pânico e o suicídio.

No Rio, o padrão de transição epidemiológica foi diferente dos países desenvolvidos. Além do excesso de mortes por causas externas nos adultos jovens, persiste a incidência de doenças infecciosas, principalmente as transmitidas de pessoa a pessoa (como a meningite meningocócica, a tuberculose e a hanseníase), e de outras transmitidas por vetores adaptados ao espaço urbano, como a Dengue²⁰.

Vivemos um paradigma de mudanças: os transtornos mentais e comportamentais sempre refletiram os valores sociais de sua época. A violência, a transgressão dos direitos humanos mais fundamentais nos relacionamentos, a crise de valores incluindo os referentes à Ética, geram a substituição de princípios básicos para a

saúde mental, como a solidariedade e os vínculos afetivos por valores individualistas e hedonistas, cada vez mais afastando os indivíduos dos “altos fins de sua existência”.

Tabela 2: Principais causas de morte, por faixas etárias, ano de 2000(*)

Menores de 1 ano	Homem	Mulher	Total (%)	Total do Grupo
Afecções Perinantis	513	406	56,14	1637
Anomalias Congênitas	131	115	15,03	
Doenças Mal Definidas	63	54	7,15	
Pneumonias	44	27	4,34	
Septicemias	34	25	3,60	
De 1 a 4 anos	Homem	Mulher	Total (%)	Total do Grupo
Doenças Mal Definidas	22	19	16,67	246
Pneumonias	13	10	9,35	
Anomalias Congênitas	12	13	10,16	
Violência de Intencionalidade Ignorada	8	6	5,69	
Doença Meningocócica	7	7	5,69	
Leucemias	5		2,03	
Acidente de Transporte	5	3	3,25	
De 5 a 14 anos	Homem	Mulher	Total (%)	Total do Grupo
Acidente de Transporte	31	13	15,02	293
Homicídios	29	12	13,99	
Violência de Intencionalidade Ignorada	17	9	8,87	
Leucemias	11	4	5,12	
Doenças Mal Definidas	11	15	8,87	
De 15 a 24 anos	Homem	Mulher	Total (%)	Total do Grupo
Homicídios	1020	58	57,68	1869
Violência de Intencionalidade Ignorada	188	14	10,81	
Acidente de Transporte	103	28	7,01	
Doenças Mal Definidas	64	39	5,51	
AIDS	23	18	2,19	
De 25 a 34 anos	Homem	Mulher	Total (%)	Total do Grupo
Homicídios	826	42	36,78	2360
Acidente de Transporte	140	29	7,16	
AIDS	144	86	9,75	
Violência de Intencionalidade Ignorada	154	14	7,12	
Doenças Mal Definidas	122	67	8,01	
De 35 a 44 anos	Homem	Mulher	Total (%)	Total do Grupo
Homicídios	362	46	9,60	3334
Doenças Mal Definidas	274	167	11,67	
AIDS	222	67	5,70	
Doenças Isquêmicas do Coração	123	43	4,08	
Doenças Cerebrovasculares	93	146	4,38	
Neoplasia Maligna de Mama		83	2,49	
De 45 a 54 anos	Homem	Mulher	Total (%)	Total do Grupo
Doenças Mal Definidas	412	288	13,67	5121
Doenças Isquêmicas do Coração	368	120	9,53	
Doenças Cerebrovasculares	260	229	9,55	
Doenças do Fígado	206	33	4,67	
Agressões	169	22	3,73	
Outras Doenças Cardíacas	143	76	4,28	
Neoplasia Maligna de Mama		166	3,24	
De 55 a 64 anos	Homem	Mulher	Total (%)	Total do Grupo
Doenças Isquêmicas do Coração	574	248	12,03	6834
Doenças Mal Definidas	513	346	12,57	
Doenças Cerebrovasculares	421	306	10,64	
Diabetes Mellitus	231	232	6,75	
Neoplasia Maligna dos Pulmões, brônquios	206	84	4,24	
Outras Doenças Cardíacas	187	138	4,75	
Neoplasia Maligna de Mama	3	158	2,35	
65 anos e mais	Homem	Mulher	Total (%)	Total do Grupo
Doenças Isquêmicas do Coração	1601	1664	12,42	26291
Doenças Cerebrovasculares	1331	1779	11,83	
Doenças Mal Definidas	1147	1582	10,38	
Doenças Crônicas das vias aéreas inferiores	789	417	4,59	
Diabetes Mellitus	611	895	5,73	

(*) Óbitos referentes a pessoas que residiam na cidade (dados sujeitos a revisão).

Prefeitura do Município do Rio de Janeiro

Segundo a Organização Mundial de Saúde, os transtornos mentais e de comportamento respondem por 12% da carga mundial de doenças. Abaixo, quadro comparativo da situação entre o Rio e outras cidades (dados referentes a 2000).

Tabela 3: Prevalência de Transtornos Psiquiátricos na Atenção Primária à Saúde (%)

Cidades	Depressão	Ansiedade	Dep. Álcool	Todos os transtornos
Ancara, Turquia	11,6	0,9	1,0	16,4
Atenas, Grécia	6,4	14,9	1,0	19,2
Bangalore, Índia	9,1	8,5	1,4	22,4
Berlim, Alemanha	6,1	9,0	5,3	18,3
Groningen, Holanda	15,9	6,4	3,4	23,9
Ibadã, Nigéria	4,2	2,9	0,4	9,5
Munique, Alemanha	11,2	7,9	7,2	23,9
Manchester, GB	16,9	7,1	2,2	24,8
Nagasaki, Japão	2,6	5,0	3,7	9,4
Paris, França	13,7	11,9	4,3	26,3
Rio de Janeiro, Brasil	15,8	22,6	4,1	35,5
Santiago, Chile	29,5	18,7	2,5	52,5
Seattle, EUA	6,3	2,1	1,5	11,9
Shangai, China	4,0	1,9	1,1	7,3
Verona, Itália	4,7	3,7	0,5	9,8
TOTAL	10,4	7,9	2,7	24,0

Fonte: Goldberg DP, Lecrubier Y – 1995. Form and frequency of mental disorders across centres. In Üstün TB, Santorius N, orgs Mental illness in general care: na international study. Chichester, John Wiley & Sons para a OMS: 332-334

Os sintomas mentais do Rio de Janeiro

Em busca da totalidade sintomática

“... em todos os casos de doença que devem ser curados, o estado psíquico deve concorrer como um dos mais notáveis no conjunto característico dos sintomas, se quisermos traçar um quadro fidedigno da doença...”
Hahnemann¹⁸

Para a homeopatia, é de fundamental importância o estudo dos sintomas mentais, por serem considerados como os de hierarquia mais elevada para a seleção do medicamento mais apropriado ao paciente.

Alguns dos sintomas escolhidos e apresentados a seguir seguem uma trajetória através da história da cidade, se intensificando ao longo do tempo, cada vez mais presentes, fazendo parte do cotidiano de nossas gentes. Foram evidenciados por terem essa característica de permanência em toda a existência da cidade. Alguns, com pequenas histórias, demonstram sua origem perdida no espaço-tempo.

Eles também se confundem e se fundem uns nos outros.

Abandono

*...e como ninguém mais ligava para as coisas à sua volta,
tudo foi ficando cada vez mais feio e mais sujo...*

Norton Lester

A prática de abandonar crianças foi tão comum no Brasil colonial que, durante o século XVIII, chegou a atingir 25% dos bebês nascidos em alguns centros urbanos, inclusive o Rio de Janeiro. Era uma prática essencialmente urbana, que provocava grande inquietação na sociedade da época, não pela violência implícita no gesto, mas pelo risco da criança morrer sem batismo. Mas se a morte ocorresse logo após a cerimônia, tanto melhor³⁶...

Essa indiferença não só era um comportamento aceito como até incentivado. A mortalidade materna durante o parto era muito alta nessa época, a ponto de ser norma as mulheres receberem a extrema-unção antes de dar à luz. Outro motivo de abandono era a questão moral. Quando uma mulher branca e solteira ficava grávida, tanto ela quanto o filho podiam ser mortos pelos pais ou irmãos. A gravidez e o parto clandestinos, seguidos pelo abandono da criança, eram uma alternativa a esse destino. O fator econômico também levava ao abandono, não só no caso de órfãos, mas também filhos legítimos, pais vivos e crianças com problemas físicos ou mentais. Eram largadas ao relento, muitas vezes no lixo, morrendo de frio ou atacadas por animais³⁶.

Para diminuir a violência e crueldade dessa prática, surgiu a roda dos expostos. Era um tonel giratório que ligava a rua ao interior da instituição que recolhia os bebês. A pessoa deixava a criança dentro da estrutura, e ao girá-la, um sino tocava, indicando a presença do bebê.

Nos dias de hoje, não há dados confiáveis a respeito do abandono de menores no Brasil, mas sabemos que não são poucos. Nos deparamos com eles no nosso dia-a-dia e também os vemos, ainda hoje, serem atacados por animais – da raça humana.



Figura 8: A Roda dos expostos

Brutalidade e crueldade

“A crueldade faz parte da mais antiga alegria festiva da humanidade”.

Friedrich Nietzsche²⁸

Numa sexta-feira, 25 de maio de 2004, apareceram nos jornais duas imagens que mostraram bem a banalização da violência e do desrespeito ao corpo humano e aos mortos. Uma mostrava (figura 9) o corpo de um bandido carregado num carrinho de mão, por um soldado da Polícia Militar - foto famosa, feita durante a “Guerra da Rocinha”, em abril, e que correu mundo.

A outra (figura 10), o cadáver de um menino de 14 anos, num carrinho de supermercado, em uma das entradas do complexo penitenciário da Frei Caneca.

O corpo foi deixado lá pelo pai, às 2h30 e só foi recolhido às 8h10, pelo Corpo de Bombeiros.



Figura 9: Guerra do tráfico na Rocinha.



Figura 10: Corpo de Célio, 14 anos.

Essa imagem é a de uma cidade onde impera grande convulsão social. Essas cenas de barbárie foram comuns em grandes epidemias e em guerras. No Brasil e no Rio de Janeiro, existem relatos dos séculos XVI, XVII e XVIII, de corpos de escravos jogados nas praias⁴, e, mais recentemente, nos períodos das ditaduras, principalmente durante o Estado Novo, fatos que evidenciaram o mesmo desrespeito aos corpos sem vida. O mais trágico é que estamos nos acostumando com isso.

Corrupção

“Ninguém tenha a ousadia de arrogar-se honras imerecidas. Se os estados, ofícios, posições não fossem dados por maneira corrupta, e as honrarias só fossem conquistadas pelo mérito, quantas pessoas que andam descobertas, a cabeça cobriam! Quanta gente que hoje é mandada assumiria o mando! Quantos campônios baixos brilhariam na sementeira da honra, e quantas honras das palhas arrancadas se veriam e da ruína do tempo, para brilho de novo receber”?

William Shakespeare, em *O Mercador de Veneza*

Na fortaleza de Laje, situada numa pequena ilha à entrada da Baía de Guanabara foi feita, em fevereiro de 1797, uma vistoria nos barris com pólvora, estocados no armazém, em função de denúncia de furto daquele material. Foi constatado que um dos barris continha pedras e tijolos e apenas uma camada de pólvora cobrindo esse material. As suspeitas caíram sobre um artífice que fazia tonéis, negro, da Casa do Trem (oficina do Exército), que havia sido enviado à fortaleza para realizar consertos nos tonéis danificados. Aberto o processo, foi desvendada a teia dos envolvidos. O pobre artífice não tinha nada a ver com o furto, mas sim soldados e cabos que serviam na fortaleza. O desenrolar das investigações revelou outros personagens e seu envolvimento nessa rede. Um soldado, sabendo dos furtos, chantageara um cabo, ameaçando contar ao comandante da fortaleza. Para ficar calado, ganhou do cabo ladrão 2,80 kg de pólvora. Outro a aparecer no processo foi um soldado, que era agenciador vendedor da pólvora furtada. Surgiu também o nome de um outro, por ter roubado 920g da pólvora do chantagista. Ainda surgiram mais quatro soldados, que eram agentes vendedores da pólvora furtada a receptadores da cidade.

O processo revelou que, no final do século XVIII, havia na cidade do Rio de Janeiro uma rede muito bem organizada de ladrões de pólvora, de um lado e de outro, negociando esse produto ilícito. No inquérito, o Exército não foi a fundo para punir, além dos seus militares corruptos, os que se alimentavam com a compra do roubo, com isso ampliando e favorecendo o esquema de delitos (ANRJ – vice-reinado, cx. 499)⁷.

Com o passar do tempo, a corrupção só veio a se intensificar, tornando-se, a exemplo do que ocorre hoje, objeto de denúncias e ironias através da mídia, como bem o demonstra a *charge* do tempo do Império, que mostra a corrupção a serviço da vaidade humana.

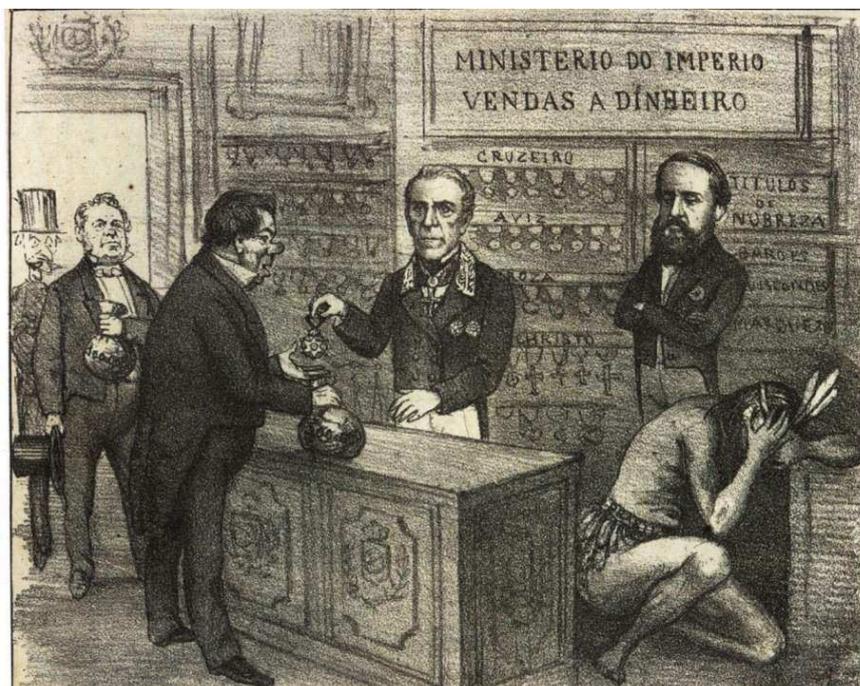


Figura 11: A corrupção alimenta a vaidade.

Em nossos dias, este sintoma alcançou dimensões inimagináveis, enfraquecendo as estruturas do Estado e de cidades inteiras. O Rio não é considerada a cidade mais insegura do Brasil - aparece atrás de Vitória e Recife, segundo dados da UNESCO, mas é de longe, onde os bandidos se sentem mais à vontade, pela magnitude da corrupção policial.

Desajuda, Insensibilidade e Isolamento

“... a maior parte do mundo está degenerando para um planeta miserável, rico unicamente em megalópoles com megafavelas, nas quais bilhões de seres humanos carentes de tudo se agridem mutuamente”.

Rüdiger Dahlke⁹

Fruto do contexto social pós-moderno, esses sintomas são essencialmente urbanos e ainda mais agravados nas grandes metrópoles. Ao mesmo tempo em que vivemos em “Centros de Aglomeração”, sofremos um trágico isolamento espiritual em meio à massificação externa, que nos torna cada vez mais solitários e doentes.

As megalópoles já não conseguem realmente abrigar os seres humanos. Vivemos a massificação e seu pólo oposto: isolamento e solidão.

A massificação leva à impessoalidade, que é alguém e ninguém ao mesmo tempo, facilitando a permissividade, a violência, a insensibilidade. O mal que permeia nossas vidas na cidade grande é impessoal, assim como os menores abandonados nas ruas, o consumo desenfreado de drogas, a poluição. “Pode assumir tudo com a maior facilidade e responder por tudo, já que não há ninguém que precise responsabilizar-se por alguma coisa”. (Heidegger)¹³

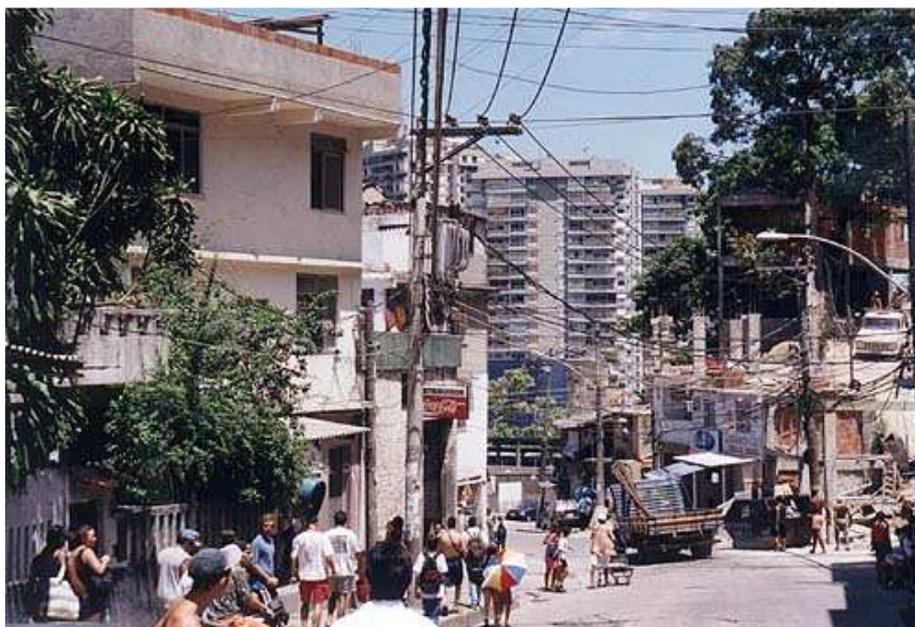


Figura 12: São Conrado visto da Rocinha.

Lascívia e libertinismo

O comércio do sexo

“... em Copacabana já não tem mais ponto sem dono, os cafetões são violentos. A polícia e os seguranças de boates também...”
 Karla, 27 anos, casada e mãe de três filhos, prostituta

“Quase não há vida social nesta urbe, o que não impede que o desregramento de costumes encontre aí campo fértil. Desregramento de que não escapam nem os membros do clero nem os frades...”, frase de La Caille, astrônomo francês, falando sobre o Rio de Janeiro¹⁴, em 1751.

“Nesta cidade, a cada dia que passa, o sangue mistura-se mais e mais, pois o clima e a ociosidade tornam o povo fortemente inclinado à libertinagem”. (Relâche du Vaisseau L’arc-en-ciel à Rio de Janeiro, 1748)³¹.

Em Copacabana, no início do século XX, surgiu a “casa de tolerância de Madame Marie Louise”, talvez o ponto de partida da rede de prostituição do bairro, que chegou às ruas, principalmente a Av. Atlântica, meio século mais tarde, e hoje muda-se, paulatinamente, para a Barra da Tijuca³⁴.

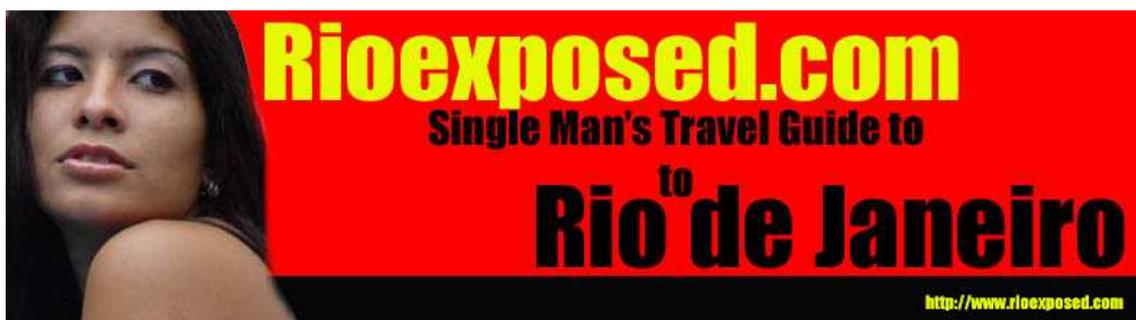


Figura 13: Cabeçalho de site de turismo sexual no Rio de Janeiro, hospedado no exterior.

O estado do Rio de Janeiro é hoje, um dos campeões nacionais de turismo sexual, junto com Ceará e Rio Grande do Norte. E essa atividade, está concentrada na cidade do Rio de Janeiro, tendo o carnaval como ponto alto, e fazendo parte de catálogos turísticos em todo mundo.



Figura 14: Campanha governamental.

Segundo relatório da ONU²⁹, a partir de estudo sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes concluído em 2003, entre 100 e 500 mil mulheres são exploradas sexualmente no Brasil, a maioria, entre 15 e 25 anos. Pelo menos 30% destas mulheres têm entre 15 e 17 anos e 80% já são mães. Entre as causas da situação aponta-se a pobreza, a violência relacionada com desigualdades sociais, o crime organizado e a lentidão na aplicação das medidas governamentais previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Medo, Desespero e Insanidade

“Podemos ter um coração de pedra. O coração de pedra é um coração fechado. Para os padres do deserto, esta é a coisa mais grave que pode nos acontecer, que pode nos levar a uma doença grave e fatal, pois o coração está fechado pelo medo. Temos muitas razões para ter um coração fechado. Porque fomos feridos pela vida”.
Jean-Yves Leloup²⁵

Hoje vivemos o medo. O medo de tudo e de qualquer coisa, do tangível e do intangível, da vida e da morte, do concreto e do abstrato. O medo nos alimenta e nos destrói, nos acompanha aonde quer que se vá, nos move e nos paralisa. E o medo é um dos fatores mais prejudiciais no tratamento das doenças, como obstáculo à cura⁹. Também tem servido, ao longo da história como estratégia que afasta pobres e ricos, negros e brancos, e impede transformações.

Nos primórdios da cidade, nas partes altas eram erguidas as fortalezas e as instituições religiosas. Embaixo estavam cravados os lugares onde circulavam o poder e o comércio. Mas a cidade cresceu, e por cima dos morros apareceram favelas. E a cidade ficou sitiada.

Em 2002 a Fundação Getúlio Vargas fez uma pesquisa (FGV opinião – núcleo vinculado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) a nível nacional, em 92 municípios, sendo 9 capitais, para medir o medo, basicamente o medo do crime e da violência, e a percepção de insegurança³⁹.

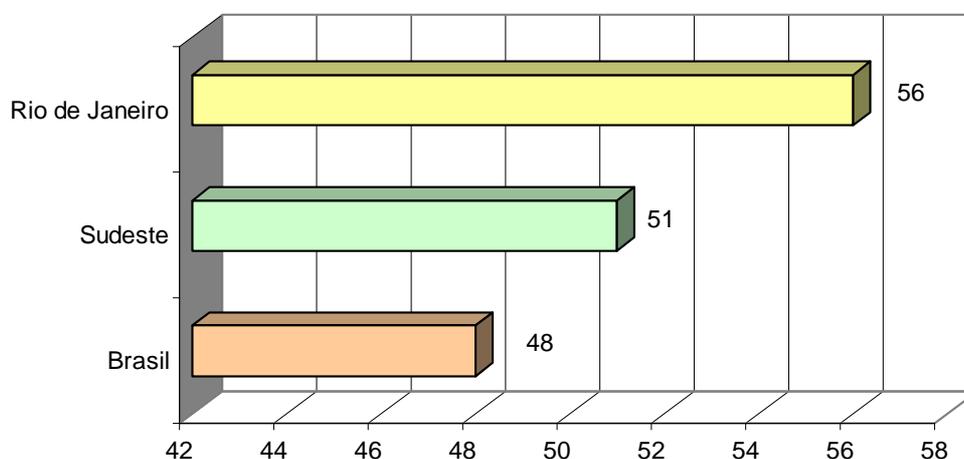


Figura 15: Pesquisa sobre medo. CPDOC-FGV.

Essa pesquisa concluiu que o medo maior estava na região sudeste (o menor é no nordeste). E maior ainda no Rio de Janeiro³⁹.

Poderíamos comparar o medo de quem vive nesta cidade ao da população civil de Bagdá sitiada e bombardeada pelas tropas aliadas? Parece que sim. O assassinato estúpido de Tim Lopes, a “segunda-feira sem lei”, tiros e bombas nos principais pontos turísticos da cidade, tiroteios constantes que paralisam as principais vias de transporte (incluindo as que levam para longe desta cidade), a banalização das mortes por balas perdidas (inclusive no metrô) vindas de armas nas mãos de bandidos ou da polícia parece nos mostrar isso. E reafirma a crescente sensação de que a situação fugiu de controle.

Sujeira

A saúde no Rio de Janeiro

...”quanto mais Leônia expele, mais coisas acumula; as escamas do seu passado se solidificam numa couraça impossível de se tirar; renovando-se todos os dias, a cidade conserva-se integralmente em sua única forma definitiva: a do lixo de ontem que se junta ao lixo de anteontem e de todos os dias e anos e lustros”.

Italo Calvino⁶

“A água recolhida passa por diversos canais até desembocar numa fonte situada na porta do palácio do vice-rei. Durante quase todo o dia, essa fonte é freqüentada por um grande número de pessoas que vem recolher o precioso líquido; esses populares são constantemente vigiados pelos soldados que montam guarda no palácio. A água aí disponível é de uma qualidade tal que nem os nossos homens, depois de dois meses consumindo uma água suja armazenada em tonéis, conseguiram bebê-la com prazer”. (Capitão Cook, em 1768)¹⁴.

“A saúde dos habitantes do Rio de Janeiro não é das melhores, o que equivale a dizer que o povo tem um temperamento enfermiço”. (Aguirre, em 1782)¹⁴.

Na segunda metade do século XIX, com o rápido crescimento urbano, os índices de morbidade e mortalidade da capital federal eram bem altos. Apesar das várias medidas normativas do governo imperial, a situação permanecia grave na virada do século. A política sanitária do império ficou mais no âmbito dos discursos do que no da implementação. À época, acreditava-se que as causas da insalubridade eram os gases desprendidos do subsolo poroso e contaminado por um sistema de esgoto imperfeito (emanações miasmáticas), terrenos pantanosos abandonados e a falta de asseio dos cortiços.

Elaborou-se um projeto de reformas em 1874 e sua implementação se deu na gestão de Rodrigues Alves, do prefeito Pereira Passos – com as campanhas sanitárias de Oswaldo Cruz. A cidade, nessa época, era uma complicada teia de ruas estreitas e sombrias, com uma população mal alimentada, que se comprimia nos quartos de aluguel e nos cortiços, onde as epidemias, a tuberculose e outras

doenças transmissíveis apresentavam altos índices de incidência¹¹.

Tabela 4: Taxas de mortalidade por transmissíveis na cidade do Rio de Janeiro

	1886 - 1890	1891 - 1895	1896 - 1900	1901 – 1905	1906 – 1910
Morte por doenças transmissíveis (%)	49,9	47,4	41,0	39,0	36,2

Foram muitas as epidemias de Febre Amarela, mas o processo agressivo de combate, embora não muito bem recebido pela população, acabou ocasionando um decréscimo bastante significativo em seus índices de mortalidade.

A campanha feita contra a Peste Bubônica compreendeu não só o isolamento do doente, a desinfecção do seu domicílio e a observação médica dos que com ele tivessem tido contacto, como também a extinção dos ratos, que fez surgir uma nova profissão na cidade – o ratoeiro. Este era um comprador ambulante de ratos, que ia revendê-los à Saúde Pública. Conseqüentemente surgiu uma outra ocupação: a de criador de ratos...

Mas isso tudo garantiu uma queda gradativa das taxas de mortalidade pela Peste: de 295 mortes em 1900 para 18 em 1910.

A varíola grassava por aqui desde o período colonial. Embora a vacina já existisse no país desde o início do século XIX, a resistência popular era grande, principalmente após o início da campanha agressiva de Oswaldo Cruz, a partir de 1904, que culminou com a “revolta da vacina”, cujo saldo foi de 110 feridos, 30 mortos, 945 presos e 461 deportados¹¹.

A Malária, que causou algumas epidemias na segunda metade do século XIX, declinou sensivelmente, junto com a Febre Amarela, graças ao combate dos focos de mosquitos.

Já a Tuberculose, a doença mais mortífera de todo o período não teve das autoridades competentes uma política de erradicação como as outras mesmo tendo um componente social importante. A Tuberculose aqui chegou trazida pelos primeiros colonizadores, tornando-se freqüente no Rio de Janeiro a partir do final do século XVIII, aumentando “à medida que a população crescia e se edificava uma cidade com todos os elementos propícios à sua expansão.¹¹

A seguir, a situação da tuberculose no início do século passado, em relação a outras capitais do mundo¹¹, e a situação mais atualizada do estado do Rio de Janeiro em relação a outros estados da federação³¹.

Tabela 6: Mortalidade por Tuberculose no Rio de Janeiro (DF) comparada a outras cidades

	Coeficientes por 1000 habitantes 1903 - 1908
Paris	3,85
Rio de Janeiro	3,70
Budapeste	3,61
Viena	3,31
São Petersburgo	3,29
Moscou	2,68
Madrid	2,63
Washington	2,53
Estocolmo	2,17
Nova York	2,13
Berlim	1,98
Buenos Aires	1,93
Roma	1,71
Londres	1,54
Bruxelas	1,51

Situação epidemiológica

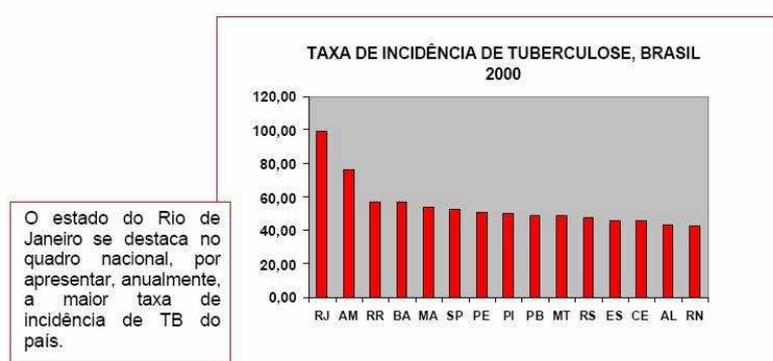
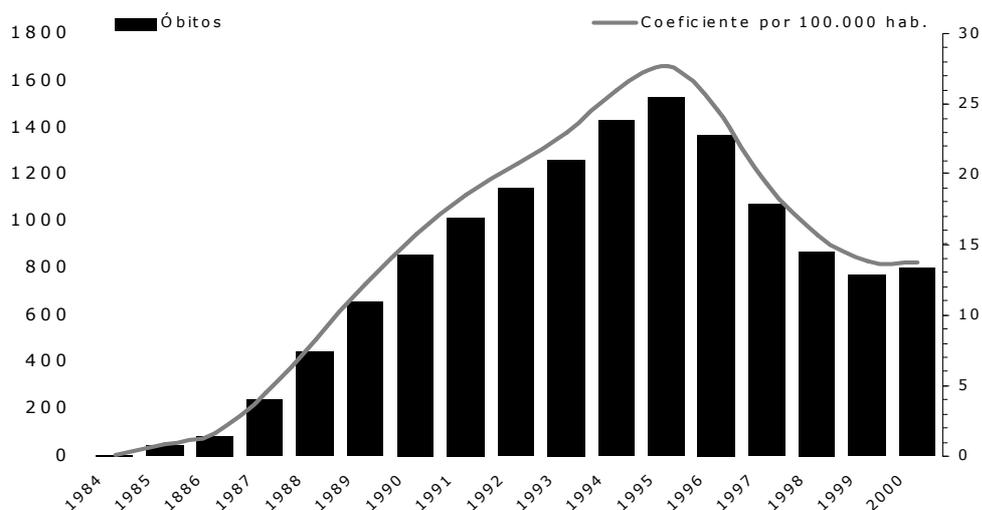


Figura 16: Taxa de incidência de Tuberculose no Brasil, 2000.

No caso da AIDS, observamos no gráfico abaixo, uma queda das curvas de coeficiente de mortalidade de AIDS, para ambos os sexos, identificada a partir de

1995, que sugerem o impacto positivo do tratamento dos pacientes com o uso de medicações anti-retrovirais disponíveis na rede pública de saúde, além de melhoria na qualidade do diagnóstico, permitindo que os casos sejam identificados mais precocemente.

Figura 17: Óbitos por AIDS e coeficiente de mortalidade por 100.000 habitantes - Município do Rio de Janeiro (1984-2000)



Fonte: S/SSC/CDT/GDT

Mas enquanto os índices das doenças transmissíveis foram diminuindo, a poluição ambiental foi crescendo. E já no século XXI, os canais, rios e manguezais ainda vão sendo rapidamente degradados devido ao excesso de esgoto e à falta de planejamento urbano.

Violência

“O assassinato, nesta cidade, é muito comum e quase sempre permanece impune”.

La Caille, 1751 (em *Visões do Rio de Janeiro Colonial*)

Ela está em toda a parte, não há como escapar. Nas ruas, nos jornais, nas conversas e na televisão. Nas janelas, em cada esquina, na música e em nosso portão. Ela está dentro de nós. Nos nossos genes, na nossa alma. É parte da natureza humana. E faz também parte da natureza urbana.

A violência urbana é uma enfermidade contagiosa. Acomete todas as classes sociais, mas é nos bairros pobres dos grandes centros que ela se torna epidêmica.

Hoje se acredita que a violência tenha um substrato biológico. O comportamento humano seria resultado de interações sutis entre genes, condições ambientais e experiências de vida.

Sabe-se que os genes herdados exercem influência fundamental na estrutura e função dos circuitos de neurônios envolvidos nos mecanismos bioquímicos da agressividade e por isso o impacto do meio ambiente é decisivo, pois esses circuitos são modelados pelos acontecimentos sociais da infância.

O aumento da criminalidade e da violência não é exclusivo da cidade do Rio de Janeiro, mas algumas particularidades tornam mais dramático o quadro atual: uma cidade partida, a ascensão violenta da criminalidade, a crise da segurança pública, com o amplo envolvimento de policiais e autoridades públicas no crime e na corrupção. A ponta mais visível do mercado de drogas e armas foi instalada nas favelas, pontos fora do alcance da lei e da ordem, guerreando entre si pelo controle da venda das drogas. As favelas e o asfalto se confundem em seus pontos de inserção onde a sucessão de imagens bélicas, balas perdidas e arrastões vão se disseminando.

A Rocinha, hoje a maior favela da América Latina, com uma população estimada em 150.000 habitantes, nasceu com uma pequena roça, com a intenção de vender seus gêneros alimentícios nas casas vizinhas, no Leblon e em São Conrado. Hoje a Rocinha, bem como outras favelas, tornaram-se territórios de

opressão de uma minoria armada sobre uma maioria de cidadãos pobres e honestos. E os favelados se transformaram em escudos humanos, que protegem as ações do narcotráfico. E com o crescimento das favelas (18% da população da cidade vive em favelas), cresce cada vez mais o poder “territorial” do tráfico na cidade. Como estamos à mercê dos políticos populistas, que há muitos anos nos governam, as favelas não são um problema, são uma solução eleitoral.



Figura 18: As guerras no Iraque e na Rocinha não têm em comum apenas a estupidez de seres humanos que pegam em armas para se matar. São semelhantes pela barbárie, pelo espanto das vítimas inocentes, pela fuga de moradores em pânico que tentam proteger suas crianças, deixando para trás suas casas e vidas. Acima estão algumas imagens dos conflitos. É até difícil apontar quais são de um, quais são de outro.

Em nenhum momento de sua história, esta cidade foi homogênea e harmônica. Sua cisão racial, social e econômica tem raízes no passado e não é assim tão diferente de outras cidades de mesmo porte. O que parece um efeito devastador é, numa cidade que se caracteriza pela contigüidade espacial entre favela e asfalto, riqueza e pobreza, a existência de duas cidades, não sendo somente uma delas mais pobre que a outra, como também ocupada, no vácuo deixado pelo poder público, pelo despotismo privado de grupos ilegais – o poder paralelo, alimentado pela própria sociedade, que consome seus produtos.

A maioria dos condenados por crimes no estado do Rio de Janeiro tem entre 18 e 24 anos – 53% (a média nacional é de 18,3%). Segundo o sociólogo Dario de

Souza, da UERJ³³, o tráfico de drogas é o responsável pelo perfil jovem dos condenados: “Nos anos 80, os crimes praticados por jovens eram furto, roubo e vandalismo. Nos anos 90, o tráfico começou a recrutar soldados muito jovens. O tráfico absorve mão-de-obra cada vez mais jovem”.

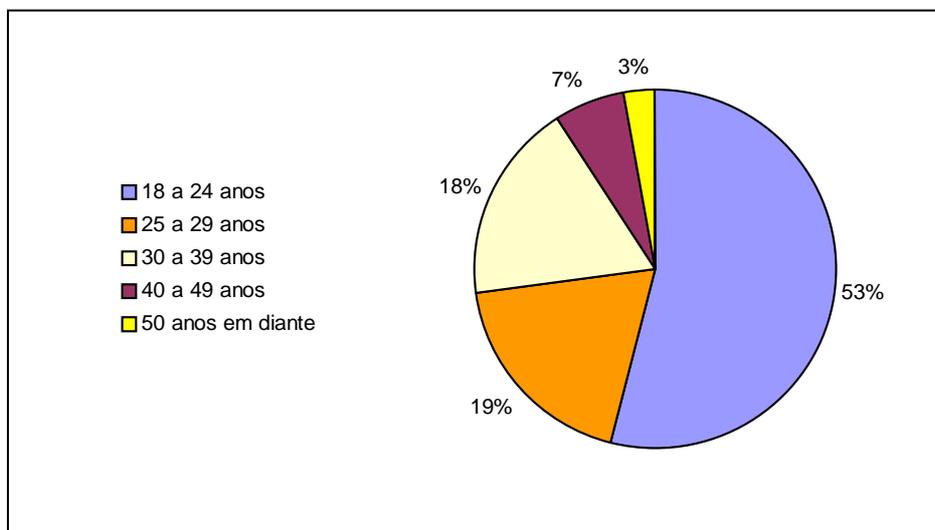


Figura 19: Condenações por faixa etária – Rio de Janeiro - 2003

O aumento do temor, gerando por vezes o pânico generalizado, causa reações também divididas: de um lado propostas segregadoras e repressoras, e de outro, propostas para mobilizar o governo e a sociedade civil para o enfrentamento do problema com base na idéia de que não se combate violência com mais violência ou com mais exclusão, mas sim com políticas integradoras, reforma no sistema de segurança e respeito aos direitos humanos.

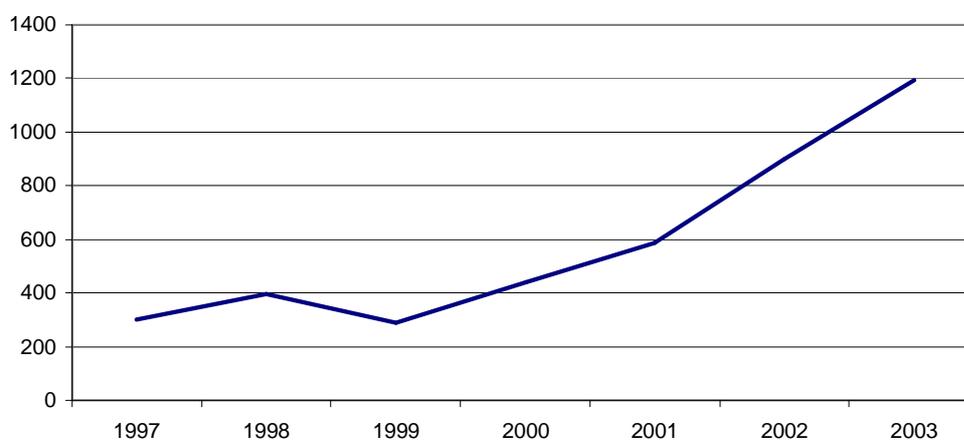


Figura 20: Vítimas fatais de ações policiais (“autos de resistência”) – estado do Rio de Janeiro (1997-2003)

Algumas palavras de Hahnemann

“... as doenças não podem... deixar de constituir desarranjos dinâmicos de nossa vida de tipo não material nas sensações e funções, isto é, desarranjos imateriais de nosso estado de saúde”.
Hahnemann¹⁸

Estão consideradas no Organon¹⁸, as causalidades vivenciadas pela maior parte de nossa população, como os problemas econômicos, ecológicos, psicossociais...

“... são úteis ao médico... os momentos mais significativos de toda a história clínica da doença crônica, a fim de descobrir sua causa fundamental, que provém, geralmente, de um miasma crônico, devendo ser levados em consideração a constituição física evidente do doente, seu caráter com seu psiquismo e mente, suas ocupações, seus hábitos e modo de vida, suas relações sociais e domésticas, sua idade e função sexual, etc”. (§ 5)

“... a totalidade dos sintomas deve ser, para o artista da cura, a coisa principal, senão a única que ele, em cada caso de doença, precisa conhecer e afastar através de sua arte, a fim de que a doença seja curada e transformada em saúde”. (§ 7)

“... são de tal espécie que atacam diversas pessoas ao mesmo tempo, aqui e ali (esporadicamente), por ocasião de influencias meteóricas ou telúricas e agentes nocivos, sendo que, somente alguns são suscetíveis de ser por elas afetados ao mesmo tempo; próximos a estas, estão aquelas que atacam epidemicamente muitas pessoas por semelhantes causas e com padecimentos muito semelhantes...”. (§ 73)

“... deve-se, seguramente, atentar especialmente e quase que exclusivamente para os sinais e sintomas mais evidentes, singulares, incomuns e próprios...”. (§ 153)

“... de modo que os médicos, não somente se convençam desses instrumentos divinos de curar, mas também passem a distribuí-los gratuitamente aos seus doentes...”. (§ 271)

Estudo repertorial

“Formação, Transformação, o eterno recriar da mente eterna”
Goethe, em *Fausto*

Os sintomas estudados foram transpostos para a linguagem repertorial, todos pertencentes ao capítulo MENTAL:

1. ABANDONO, sentimento de
2. ABANDONO, sentimento de – isolamento, sensação de
3. BRUTALIDADE
4. CRUELDADE, inumanidade
5. DESAJUDA, sentimento de; falta de apoio
6. DESESPERO
7. DESESPERO, morte – pensamento de, com
8. INDIGNAÇÃO
9. INSANIDADE, loucura
10. INSENSÍVEL, empedernido, coração duro
11. LASCIVO, libidinoso
12. LIBERTINISMO
13. SUJO
14. VIOLENTO, veemente – atos de violência, fúria (raiva) conduzindo a
15. DESONESTO, corrupto, venal

Foi usado o repertório Lince for Windows – versão 5.00

O 1º estudo repertorial, feito sem sintoma diretor, apresentou o seguinte resultado:

Tabela 7: 1º estudo repertorial, sem sintoma diretor – ordenado por cobertura.

Item	Medic	Cb	Pt	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1	stram	12	18	2	1	1	2	1	2	1	1	3		2	1		1	
2	plat	10	16	2	1		2		1			2	1	3	2	1	1	
3	anac	9	16		2	1	3	1	2			2	3	1			1	
4	verat	9	15	1			1		3		1	3		2	1	1	2	
5	ars	8	14				2	1	3		2	3	1				1	1
6	hyos	8	13	1			2		1			3	1	3	1		1	
7	sulph	8	13						3		1	2	2	1	1	2		1
8	aur	8	13	3		1	1		3		1	2		1			1	
9	nux-v	8	12			1	1		1		1	3			2	1	2	
10	chin	8	9	1			1		1		1			2	1		1	1
11	lach	7	14	2			2		2			2	2	3			1	
12	staph	7	13				1		2		3		1	3	2	1		
13	lyc	7	13					3	3			3		1	1		1	1
14	puls	7	12	3				1	2			2		2	1			1
15	phos	7	11	1				1	1			2		3	2		1	
16	merc	6	10	2					2			3		1	1	1		
17	calc	6	10	1					3			2		2	1		1	
18	caust	6	10					1	2		1	2		2	2			
19	bell	6	9				1		1			3		1	1		2	
20	con	6	9						2			2	1	2	1		1	
21	croc	6	7				1				1	2	1	1			1	
22	sep	6	7	1				1	1			1		2	1			
23	med	6	6	1	1			1	1			1				1		
24	hep	5	10				3		1			2	1				3	
25	ign	5	9						3		1	2		1			2	
26	lil-t	5	9	1					2			2		3			1	
27	canth	5	8				1		1			2		2	2			
28	tarent	5	8			1	1					3		2			1	
29	arg-n	5	8	2	2			1	2			1						
30	nat-c	5	7	2					2		1	1					1	

O 2º estudo, feito com DESONESTO como sintoma diretor, apresentou o resultado abaixo:

Tabela 8: 2º estudo repertorial, DESONESTO como sintoma diretor – ordenado por cobertura.

Item	Medic	Cb	Pt	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1	ars	8	14					1	3		2	3	1				1	1
2	sulph	8	13						3		1	2	2	1	1	2		1
3	chin	8	9	1			1		1		1			2	1		1	1
4	lyc	7	13					3	3			3		1	1		1	1
5	puls	7	12	3				1	2			2		2	1			1

O 3º estudo foi feito com SUJO como sintoma diretor:

Tabela 9: 3º estudo repertorial, SUJO como sintoma diretor – ordenado por cobertura

Item	Medic	Cb	Pt	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1	plat	10	16	2	1		2		1			2	1	3	2	1	1	
2	verat	9	15	1			1		3		1	3		2	1	1	2	
3	sulph	8	13						3		1	2	2	1	1	2		1
4	nux-v	8	12			1	1		1		1	3			2	1	2	
5	staph	7	13				1		2		3		1	3	2	1		
6	merc	6	10	2					2			3		1	1	1		
7	med	6	6	1	1			1	1			1				1		
8	psor	4	10	3					3			2				2		
9	sil	4	5						1			1		2		1		
10	petr	4	4	1				1	1							1		
11	am-c	3	6						1			2				3		
12	crot-h	3	3						1			1				1		
13	caps	2	3								1					2		

No 4º estudo, foram usados dois sintomas diretores, SUJO e DESONESTO, mostrando como resultado, apenas um medicamento:

Tabela 10: 4º estudo repertorial, SUJO e DESONESTO como sintomas diretores – ordenado por cobertura.

Item	Medic	Cb	Pt	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1	sulph	8	13						3		1	2	2	1	1	2		1

Estudo dos medicamentos

“Quase todos os homens morrem de seus remédios e não de suas doenças”.

Molière

O maior símbolo da cidade do Rio de Janeiro é o Cristo Redentor. Simboliza a síntese dos símbolos fundamentais do universo: o céu e a terra, por suas duas naturezas, divina e humana; o ar e o fogo, por sua ascensão e descida aos infernos, o cordeiro do sacrifício e o senhor do universo. Simboliza a verticalidade, a luz, o caminho, a verdade e a vida.

Se considerarmos sua face noturna, por seu calvário, agonia e crucificação, ele representa as conseqüências do pecado, das paixões, da perversão da natureza humana (o anticristo)⁸.

Assim vivenciamos em nosso cotidiano os aspectos multifacetados de nosso símbolo, fazendo-nos sentir o divino e o humano, que compõem nossas vidas individualizadas e coletivas.



Figura 21: Cristo Redentor

A seguir, algumas observações sobre os medicamentos encontrados nas repertorizações feitas, mostrando também essa dualidade, que vem da própria natureza de todas as coisas, divina e humana. Todos têm um conteúdo mental importante, podendo ser usados para os transtornos mentais mais comumente vistos nos ambulatórios de clínica médica, incluindo as toxicomanias.

Arsenicum album

A cobiça



Figura 22: Arsenicum album

“... a perversidade praticada pelos homens, que têm empregado de modo errado as substâncias medicinais admiravelmente poderosas em enormes doses, em doenças para as quais elas não são indicadas, guiados somente por idéias frívolas ou por alguma autoridade mesquinha...”
Hahnemann¹⁷

Até aqui não havíamos ainda falado de um sintoma, que surge com este medicamento e que nos acompanha desde a época do descobrimento – a ganância. Desde o pau-brasil, o ouro, as pedras preciosas, a cana-de-açúcar, o café, até esse outro pó branco, também mortal, que estimula a cobiça e a sensação de poder desmedido.

“O desprezo pela atividade produtiva, somado à aversão generalizada ao trabalho e à busca frenética de ouro e de diamantes, lançou a cultura das terras no mais completo abandono.” (Relâche du Vaisseau L’arc-en-ciel à Rio de Janeiro, 1748)³¹.

Raramente encontrado em estado puro na natureza, apresenta-se como um pó branco, cristalizado, semelhante ao açúcar em pó, age sobre todos os sistemas orgânicos e se traduz por uma grande ansiedade e agitação física e psíquica²⁴.

Seu caráter negativo é avaro, crítico, depreciativo, rancoroso, desonesto e traidor. É o gênio epidêmico da Idade Média, simbolizando bem o clima venenoso da época², que tem a Santa Inquisição como ponto máximo. Até hoje temos núcleos desse medicamento entre nós, bem fortes. Talvez a época da repressão tenha sido o maior.

Também podemos ver alguns sintomas semelhantes em alguns de nossos políticos de hoje.

“Acessos recorrentes de irresolução; ele quer algo e quando alguém tenta satisfazer seu desejo, a mais simples trivialidade alterará sua decisão, e ele não o quer mais. O desejo dela é maior que sua necessidade; ela come e bebe mais do que lhe é suficiente; ela caminha além do que precisa ou pode suportar. Não tendo o mínimo apetite, ela permite-se ser pressionada a pegar algo, mas se torna furiosamente irada sobre isto. Muito zangada, irada, excêntrica, toma toda palavra pelo lado ruim, e torna-se irritada quando ela deveria responder. Zangada com banalidades”. (Hah 1045)

O medo é um forte elemento do seu estado mental, medo de ficar sozinho, medo de que algo o machucará ao ficar sozinho, cheio de horror, ele tem pavor da solidão e quer companhia, porque em companhia pode conversar e afastar o medo.

Assim que piora da loucura, não quer mais a companhia de ninguém, e o medo aparece, mesmo quando acompanhado. O medo e o horror aumentam muito no escuro e muitos sintomas pioram à noite, assim que escurece²².

Tem grande inclinação ao suicídio (sífilis): “Ele se desespera por sua vida” (Her 1033), “Medo de ser deixado só”(Her 62), “A vida lhe parece insignificante; e ele não dá a ela qualquer valor”(Hah 1056), “Ansiedade terrível, enrubesce; olhar inquieto, sem descanso de dia ou de noite; inclinação ao suicídio”(Her 77).

Platinum

A soberba



Figura 23: Platinum

“Seja qual for o nome que a nossa lógica possa dar a existência humana, temos nossa maior alegria quando nos realizamos um no outro e esta é a definição do amor”.
Rabindranath Tagore

Este metal já era conhecido na Colômbia desde tempos primitivos. É um metal de grande dureza, tem grande resistência a influências exteriores. Encontrado na natureza sempre ligado a outros metais como o paládio, rutênio, ósmio, e outros³⁵.

Sua dinâmica mental está dominada por um sentimento de supervalorização de si mesma, com a ilusão de que é grande, enquanto que os objetos e as outras pessoas lhe parecem pequenos. Sua síntese sintomática seria integrada pela soberba, depreciação, crueldade e a voluptuosidade¹². Inveja a superioridade e a grandeza de Deus. Não se adapta ao mundo em que vive, por se julgar superior (sicose). Carece de um sentimento verdadeiro de vínculo.

É interessante notar que, embora sempre esteja ligada a outros metais na natureza, a platina tem uma forte tendência à solidão: “Ela se imagina abandonada e solitária no mundo”(Hah 2), “Indiferente, frio, distante na companhia de amigos...” (Hah 39), “Triste e sombria, ela senta solitária, sem falar...”(Hah 17). São duras e frias e não desejam qualquer contacto com as pessoas comuns.

É, a princípio, um medicamento para a mulher. Está associado à histeria e à sexualidade excessivamente desenvolvida, sendo a falta de moderação sexual uma de suas características mais importantes. Representa a perversão da mente

feminina²³. Está ligado também à homossexualidade, em ambos os sexos. O local de sua ação máxima são os órgãos genitais femininos³⁷.

A sexualidade envolvida neste medicamento representa bem alguns núcleos sintomáticos encontrados nesta cidade, como o turismo sexual, a prostituição nas ruas e também o carnaval.

Stramonium

O lixo



Figura 24: Datura stramonium

*“Existem dois tipos de loucos.
O louco propriamente dito e o que cuida do louco”.*
Luis Fernando Veríssimo, em Crônica da Loucura.

Esta planta é um forte narcótico. É venenosa, sedativa e alucinógena. Na Europa do século XVI, era comida pelos soldados antes das batalhas, para embotar as emoções²⁶. Nasce em terrenos baldios, escombros, lixo, lugares escuros e sombrios. Conhecida no Brasil como erva-do-diabo, trombeteira ou zabumba, suas flores são usadas sob a forma de cigarro, para o controle da dispnéia asmática²⁷.

Medicamento agudo, sua ação geral parece ser exclusivamente sobre o cérebro e o sistema nervoso central. Seu delírio é mais violento que o dos outros medicamentos. É um dos principais medicamentos da loucura e da mania aguda²⁴.

Stramonium se destaca, entre os remédios de ação profunda, pela violência dos sintomas mentais. Cheio de excitação, fúria, tudo é tumultuado, violento; face selvagem, ansiosa, amedrontada; olhos fixos num certo objeto; rubor facial e febre alta com cabeça quente e extremidades frias, delírio violento. Foge da luz, quer ficar no escuro. Seu estado se agrava com luzes fortes²³.

Também sofre de inadaptabilidade ao mundo. Não tem descanso em nenhum lugar. Tem uma dualidade bem nítida: ora acha que é Deus, ora acha que é o Demônio³⁷. Ora sente-se um lixo, ora sente-se grandioso (sicótico-sifilínico). “Por alguns dias o paciente foi afetado por alucinações e pensava que um lado de

seu corpo estava vivo, enquanto o outro estava morto”(All 122).

Vê o mundo através de um véu – tudo dele é distorcido. “Ele teme que esteja perdendo a sanidade”(Hah 507).

Este medicamento representa os piores e mais graves sintomas de nossa cidade, com núcleos em todo o desenrolar de nossa história, apresentando, no presente, núcleos cada vez maiores.

Sulphur

O mendigo intelectual

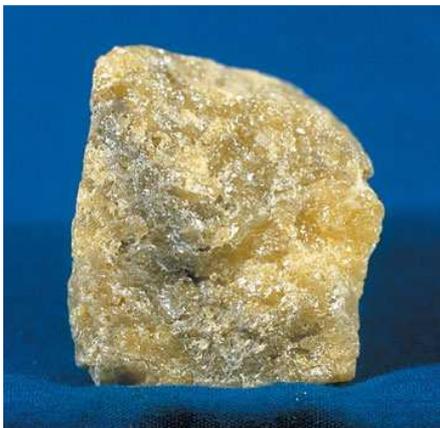


Figura 25: Sulphur

“Ao declararmos que quando temos pleno conhecimento do presente podemos predeterminar o futuro, não é a conclusão que está errada, mas sim a premissa da qual partimos. Em princípio, jamais podemos reconhecer o presente com exatidão”.

Heisenberg - O princípio da Incerteza.

Rei dos antipsóricos (medicamento constitucional), este medicamento está presente em todo o organismo (por isso tem resultados em qualquer indivíduo) e tem uma estrutura molecular desorganizada.

Na Mitologia grega, o Caos era considerado o estado não organizado, ou o nada, de onde todas as coisas surgiam. O Caos precedeu a origem, não só do mundo, mas também dos deuses. Cronos (personificação do tempo) deu origem a Éter e a Caos, e este formou um enorme ovo de onde nasceu o Paraíso, a Terra e Eros⁵.

Com o desenvolvimento da Matemática e das outras ciências, a teoria do caos surgiu com o objetivo de compreender e dar resposta às flutuações erráticas e irregulares que se encontram na Natureza, resíduos da formação primordial vinda do grande ovo de Caos.

A investigação do caos teve início nos anos 60, quando se descobriu que sistemas complexos, que podiam descrever possíveis previsões do tempo, podiam ser traduzidos por equações matemáticas simples. Do mesmo modo, sistemas que eram aparentemente simples e modelos deterministas, podiam levar a problemas muito complexos.

Através do estudo desta ciência, verificou-se que um sistema passa

facilmente de um estado de ordem para um estado caótico, podendo surgir, por vezes de uma maneira espontânea, dentro do caos, a ordem. Também foi verificado que pequenas diferenças nas condições iniciais de um sistema podem conduzir a diferenças bastante significativas no resultado final, sendo deste modo fortemente abalado o paradigma da física determinista¹⁵.

O caos é, na verdade, a própria ordem imposta pela natureza.

A teoria do caos também tem sido usada para explicar porque as novas gerações têm uma capacidade maior de captação de informação. Na medida em que o mundo e as comunicações se tornam complexos, caóticos, nossa mente se expande para acompanhar esse desenvolvimento.



Figura 26: Charge de Laerte.

Medicamento arquetípico da pós-modernidade, retrata bem a época em que vivemos: cansaço e descrença em soluções externas, descrença nos sistemas de governo, egocentrismo, busca do sonho, do devaneio, medo, tristeza e desesperança².

Sulphur era usado pelos alquimistas como elemento de ligação de reações. Para eles, sulphur representava a dupla natureza da alma². Ao mesmo tempo em que é considerado a essência da decadência, corrupção e fonte de imperfeição, sua outra natureza é o princípio do poder gerador do sol, o portador da luz e do fogo⁴⁰.

Concluindo, sulphur contém dois tipos contrastantes: o lado estagnado, congestionado, material, e o lado inquieto, vigoroso, ardente, veemente do filósofo

andrajoso. É a doença e a cura⁴⁰.

Sua missão era servir de elo de ligação entre os seres. Achando-se nobre demais para essa tarefa, caiu e passou a sentir-se desgraçado (grande ansiedade – ansiedade de consciência).

Na sícose (busca da reintegração/remorso/fuga filosófica), assume o arquétipo do grande filósofo maltrapilho.

Na sífilis sente-se sujo, indiferente a tudo, inclusive à própria vida: destrutividade, álcool e outras drogas, disposição suicida¹².

Talvez seja esse o medicamento que melhor retrate esta cidade, por nosso espaço geográfico, nosso contexto político-social e nossa inserção no mundo.

Outros medicamentos

Outros medicamentos que aparecem na repertorização feita, tem sintomas mentais importantes, podendo ser usados para tratar transtornos mentais com os quais nos deparamos com frequência, como ansiedade, depressão, fobias e pânico.

Uma dinâmica miasmática para o Rio

...”o mundo não está constituído de fatos que se sucedem, mas de fatos sincrônicos justapostos.”
Rüdiger Dahlke⁹

Tendemos, inconscientemente, a projetar nosso sofrimento nos elementos do meio que nos rodeia, que dessa forma se transforma em causa³². Do ponto de vista dos miasmas, projetamos nossa angústia existencial e traçamos estratégias defensivas em direção à fixação de padrões, que podem vir a se tornar sicóticos ou sífilínicos. Num meio conturbado como o nosso, é muito fácil achar causas para a nossa doença. Elas estão no nosso dia-a-dia.

Embora possamos encontrar todos os miasmas, a sífilis parece ser preponderante no momento em que vivemos. O sentimento sífilínico é de desespero e desesperança. Sem saber como lidar com isso, o movimento é em direção à destruição. A necessidade de mudança é premente. Esse sentimento leva a uma correlação com um hexagrama do I Ching chamado FU (o retorno ou o Ponto de Transição): “Após uma época de decadência vem o ponto de transição. A luz poderosa que tinha sido banida retorna (lembrando Stramonium). Porém, este movimento não é provocado pela força. É natural e surge espontaneamente. Por isso a transformação do antigo também se torna fácil. O velho é descartado e o novo, introduzido. Ambos os movimentos estão de acordo com as exigências do tempo e, portanto, não causam prejuízos.

Formam-se associações de pessoas que tem os mesmos ideais. Como tal grupo se une em público e está em harmonia com o tempo, os propósitos

particulares e egoístas estão ausentes, e assim erros são evitados. A idéia de retorno baseia-se no curso da natureza. O movimento é cíclico e o caminho se completa em si mesmo. Por isso não é necessário precipitá-lo artificialmente. Tudo vem de modo espontâneo e no tempo devido. Esse é o sentido do céu e da terra”⁴¹.

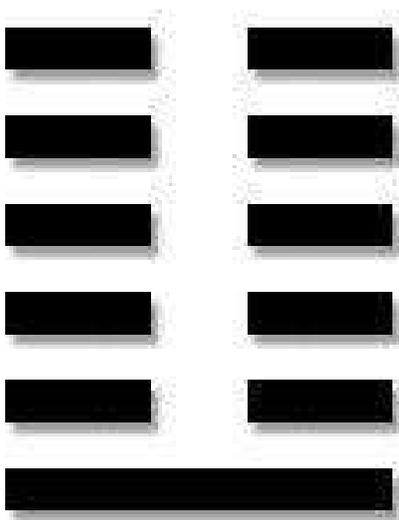


Figura 27: Fu – Ponto de transição

Necessidades da Alma

*...Lembra que tempo feliz ah! que saudade
Ipanema era só felicidade, era como se o amor doesse em paz
Nossa famosa garota nem sabia a que ponto a cidade turvaria
Esse rio de amor que se perdeu
Mesmo a tristeza da gente era mais bela e além disso se via da janela
Um cantinho do céu e o Redentor...
Vinicius de Moraes, em Carta ao Tom.*

A pessoa que não tem lazer adocece³⁸. Poucas cidades tem tanto lazer à disposição de seus cidadãos quanto o Rio de Janeiro. Praias, florestas, espetáculos ao ar livre, com pouco ou nenhum dinheiro podemos alimentar nossas almas com o melhor que a mãe natureza e a natureza humana criaram e criam a cada instante.



Figura 28: Jardim Botânico

O tempo nos parques

Vinicius de Moraes

O tempo nos parques é íntimo, inadiável,
imparticipante, imarcescível.
Medita nas altas frondes, na última palma da palmeira
Na grande pedra intacta, o tempo nos parques.
O tempo nos parques cisma no olhar cego dos lagos
Dorme nas furnas, isola-se nos quiosques
Oculta-se no torso muscular dos ficus, o tempo nos
parques.
O tempo nos parques gera o silêncio do piar dos pássaros
Do passar dos passos, da cor que se move ao longe.
É alto, antigo, presciente o tempo nos parques
É incorruptível; o prenúncio de uma aragem
A agonia de uma folha, o abrir-se de uma flor
Deixam um frêmito no espaço do tempo nos parques.
O tempo nos parques envolve de redomas invisíveis
Os que se amam; eterniza os anseios, petrifica
Os gestos, anestesia os sonhos, o tempo nos parques.
Nos homens dormentes, nas pontes que fogem, na franja
Dos chorões, na cúpula azul o tempo perdura
Nos parques; e a pequenina cutia surpreende
A imobilidade anterior desse tempo no mundo
Porque imóvel, elementar, autêntico, profundo
É o tempo nos parques

Dezembros

Fagner, Zeca Baleiro e Fausto Nilo

Nunca mais a natureza da manhã
E a beleza no artifício da cidade
Num edifício sem janela
Desenhei os olhos dela
Entre vestígios de bala
E a luz da televisão

Os meus olhos têm a fome
Do horizonte
Sua face é um espelho
Sem promessa
Por dezembros atravesso
Oceanos e desertos
Vendo a morte assim tão perto
Minha vida em suas mãos

O trem se vai
Na noite sem estrelas
E o dia vem
Nem eu nem trem nem ela

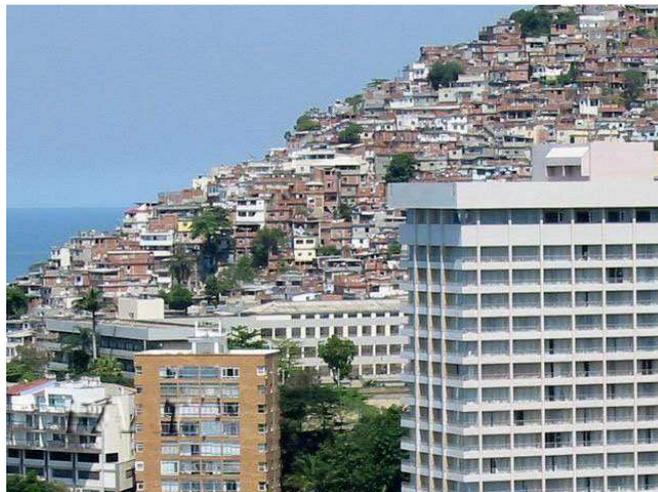


Figura 29: Contrastes do Rio

Conclusões

“Não há homens felizes sem uma polis feliz, e não há polis feliz sem homens felizes”.
Aristóteles, em *Ética a Nicômaco*

A homeopatia caracteriza-se como um sistema médico-terapêutico centrado no multideterminismo dinâmico das doenças e seu potencial reativo, dando atenção às questões ambientais e procurando correlacioná-las com o meio interno, o microcosmo individualizado³⁰. Isso faz com que ela esteja alinhada à chamada medicina social e urbana, prestando-se perfeitamente a enfrentar e tratar os problemas de saúde decorrentes da vida numa cidade doente como a nossa³⁰.

Segundo Hahnemann, todas as doenças, quaisquer que sejam suas manifestações sintomáticas, seriam desencadeadas pelo desequilíbrio da força vital, que pode ser decorrente de qualquer tipo de agressão externa, principalmente emocional, causas ocasionais e outras, por exposição a alérgenos, proteínas heterólogas, tóxicos, representando os miasmas, fatores responsáveis pela evolução crônica das doenças.

Ao tentarmos reequilibrar o organismo doente, temos que ter o cuidado de contrabalançar e conciliar os pólos, e fazê-lo antes que a natureza se encarregue disso, já que em um determinado momento, toda uniteralidade acaba sofrendo uma correção natural, para compensar. Só que a mãe natureza nunca se mostra muito delicada ao tomar essas medidas.

Um exemplo bem atual de como a natureza costuma resolver essas questões são as alterações climáticas, que vem ocorrendo em todo o planeta. Se continuarem acontecendo nessa velocidade, cerca de 80% das megalópoles do mundo estão ameaçadas, pois ficam no litoral⁹.

Ao evitar o *stress* e a tensão estaríamos no caminho para a cura ou para a prevenção de doenças. A alegria também é um fator de extrema importância para a busca ou manutenção da homeostase. Segundo Espinosa, ela estaria associada a uma transição do organismo para um estado de maior perfeição (maior harmonia funcional)¹⁰.

Cada um de nós, em nosso inconsciente, em seus níveis mais profundos, possui conteúdos coletivos – o inconsciente coletivo, que nos influencia em maior ou menor grau, em nível inconsciente, moldando continuamente um perfil psico-social da coletividade em que nos inserimos²¹. Isso faz com que muitos sintomas que são reflexos do inconsciente coletivo possam ser confundidos com os pertencentes à individualidade, fazendo com que cheguemos a conclusões precipitadas e errôneas sobre que medicamento é característico de determinado indivíduo.

Não podemos isolar a alma individual da enfermidade da alma do mundo nem impedir a disseminação da infecção psíquica epidêmica. A medicina acadêmica atual está sempre buscando critérios objetivos para determinar a etiologia, dedica-se a pesquisar as causas dos distúrbios, permanecendo totalmente presa à antiga visão do mundo da causalidade, e com dificuldades crescentes em tratar os distúrbios da área mental que cada vez com mais frequência dificultam as vidas das almas isoladas e aglomeradas de nossa cidade tão doente.

Na verdade, precisamos de uma nova medicina, que ligue o que há de bom em cada uma das existentes como um mosaico, com ênfase no fortalecimento das forças mentais, o que nos tornará, certamente, criaturas melhores.

Precisamos ser mais atentos e aguçar mais nossa sensibilidade para perceber, como nos dizeres de Hipócrates, que “há circunstâncias em que nem os semelhantes nem os contrários curam; é o que convém que cura”³, não esquecendo que os pacientes, entendendo seus próprios processos, encontram mais facilmente o caminho do equilíbrio, e que cabe a nós ajudá-los nessa caminhada.

E, por fim, pensando no que disse Heráclito: “Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio”, resta a esperança desta cidade vir, um dia, a ser maravilhosa.

Sentimento do mundo

Carlos Drumond de Andrade

Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos, minhas lembranças escorrem
e o corpo transige na confluência do amor.

Quando me levantar, o céu estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto, morto meu desejo, morto o pântano sem acordes.

Os camaradas não disseram que havia uma guerra
e era necessário trazer fogo e alimento.

Sinto-me disperso, anterior a fronteiras,
humildemente vos peço que me perdoeis.

Quando os corpos passarem, eu ficarei sozinho
desafiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microscopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados ao amanhecer
esse amanhecer mais que a noite.



Referências bibliográficas

1. ALGAZI, J. *Homeopatia em Psiquiatria*. São Paulo: Organização Andrei Editora, 2003.
2. ANTOLINI, J.L.; RODRIGUES, R.S.; NOGUEIRA, A. Matéria Médica e inconsciente coletivo I e II. *Revista Homeopatia Brasileira* – vol.1 n. 2 e 3, 1994.
3. BRUNINI, C. *Aforismos de Hipócrates*. São Paulo: Typus, 1998.
4. BUENO, E. *Brasil: uma história*. São Paulo: Ática, 2003.
5. BULFINCH, T. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
6. CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.
7. CAVALCANTI, N. O. *Crônicas históricas do Rio colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
8. CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1993.
9. DAHLKE, R. *Qual é a doença do mundo? : os mitos modernos ameaçam o nosso futuro*. São Paulo: Cultrix, 2001.
10. DAMÁSIO, Antonio. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
11. DAMAZIO, S.F. *Retrato social do Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
12. DRAIMAN, M. *Las personalidades homeopáticas v. I e II*. Buenos Aires: Mukunda, 1994 e 1999.
13. DUARTE, A; LOPREATO, C.; MAGALHÃES, M. B. *A banalização da violência: a atualidade do pensamento de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

14. FRANÇA, J.M.C. *Visões do Rio de Janeiro colonial: antologia de textos*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.
15. GLEICK, James. *Caos: a criação de uma nova ciência*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.
16. GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado de Saúde. *Plano Estratégico para o controle da Tuberculose no estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 2003 a 2005. Plano Operacional 2003.
17. HAHNEMANN, S. *Matéria Médica Pura V.1*. São Paulo: Editorial Homeopática Brasileira, 1998.
18. HAHNEMANN, S. *Organon da arte de curar*, 6ª edição. São Paulo: Robe editorial, 2001.
19. HILLMAN, J. *Cidade & alma*. São Paulo, Studio Nobel, 1993.
20. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA & PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO & PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Relatório de Desenvolvimento Humano do Rio de Janeiro - Saúde: entre a prevenção e a cura. Rio de Janeiro, 2001.
21. JUNG, C.G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
22. KENT, J. T. *Matéria Médica vol. I*. Rio de Janeiro: Luz Menescal, 2002.
23. KENT, J. T. *Matéria Médica vol. II*. Rio de Janeiro: Luz Menescal, 2003.
24. LATHOUD, J. *Estudos de Matéria Médica homeopática*. São Paulo: Editora Organon, 2001.
25. LELOUP, J. *O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
26. LOCKIE, A.; GEDDES, N. *Homeopatia: princípios e métodos de tratamento*. São Paulo: Editora Ática, 2001.
27. LORENZI, H.; ABREU MATOS, F.J. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. São Paulo: Instituto Plantarum, 2002.
28. NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
29. ONU. *Relatório sobre venda de crianças, prostituição infantil e pornografia infantil*, 2003. Relatório.
30. PUSTIGLIONE, Marcelo. *Homeopatia & cuidados básicos da saúde*. São Paulo: Dynamis Editorial, 1998.

- 31.RELÂCHE DU VAISSEAU L'ARC-EN-CIEL À RIO DE JANEIRO, 1748 - Texto anônimo, Biblioteca da Ajuda, Lisboa. *Rev. Bras. Hist.*, vol.17 n.34. São Paulo, 1997.
- 32.ROSENBAUM, P. *Medicina do sujeito: 40 lições de prática homeopática unicista*. Rio de Janeiro: Luz Menescal, 2004.
- 33.SCHMIDT, S. Juventude fora da lei. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, p.22, 8 de agosto de 2004.
- 34.SOLER, Alessandro. Invasão emergente de prostitutas na Barra. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, p.24, 5 de setembro de 2004.
- 35.UYLDERT, M. *A magia dos metais: os segredos ocultos do mundo mineral*. São Paulo: Editora Pensamento, 1997.
- 36.VENÂNCIO, R.P. Entregues à própria sorte. *Nossa História*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, ano 1, n.9, p.42-48, 2004.
- 37.VIJNOVSKY, B. *Tratado de Matéria Médica homeopática*. Rio de Janeiro: Mukunda Editora.
- 38.VITHOULKAS, G. *Homeopatia: ciência e cura*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.
- 39.WHO. The World Health Report 2001 Mental Health: *New understanding, new hope*. Switzerland: WHO Library Cataloguing in Publication Data, 2001.
- 40.WHITHMONT, Edward C. *Psique e substância: a homeopatia à luz da psicologia junguiana*. São Paulo: Summus editorial, 1989.
- 41.WILHELM, R. *I Ching-O livro das mutações*. São Paulo: Editora Pensamento, 1997.